

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SILVA, João Carlos Santos da. João Carlos Santos da Silva (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 10min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (FGV). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**João Carlos Santos da Silva  
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2020

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** História de vida

**Entrevistador(es):** Bernardo Buarque de Hollanda; Jimmy Medeiros; Rosana da Câmara Teixeira;

**Técnico de gravação:** Ítalo Rocha Viana;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 13/12/2012

**Duração:** 2h 10min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 3;

Entrevista realizada no contexto do projeto pessoal do pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda intitulado "Torcidas organizadas: criando fontes", que tem como objetivo constituir um banco de entrevistas de história oral acerca das torcidas organizadas nos âmbitos nacional e internacional.

**Temas:** Club de Regatas Vasco da Gama; Clube de Regatas do Flamengo ; Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Imprensa; Mulher; Política; Rio de Janeiro (cidade); Torcidas de futebol;

## *Sumário*

Entrevista: 13/12/2012 A infância no Rio de Janeiro; o contato com o Maracanã desde a infância; o primeiro contato com o Flamengo; as influências para se tornar flamenguista; a trajetória escolar; a graduação em Jornalismo na Universidade Gama Filho; o trabalho na área de esportes; a primeira ida ao Maracanã; os problemas já enfrentados no Maracanã; as histórias vividas na arquibancada do Maracanã; as lembranças do futebol na década de 1970; o acompanhamento a distancia da Torcida JOVEM; a aproximação maior com a Torcida JOVEM em 1969; a divisão da Torcida JOVEM com a FLAMANTE; a relação da Torcida JOVEM com as outras torcidas organizadas; o contato com torcidas organizadas de times de outros estados; os problemas de organização dos estádios; a retirada das salas das torcidas do Maracanã; os problemas da criação de grupos de bairros; o contato com figuras consideradas históricas de torcida organizada; a atuação de mulheres na organização das torcidas; a atuação de pessoas com idades mais avançadas nas torcidas; a “geração de outro do Flamengo” na virada dos anos 1970 para 1980; o crescimento de componentes na Torcida JOVEM; o perfil do torcedor da JOVEM; as classes sociais presentes no estádio; o repertório musical; as lembranças das viagens e excursões; o conflito com as torcidas do Atlético Mineiro; os símbolos da época; o surgimento da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (ASTORJ); o objetivo da ASTORJ; as reuniões entre torcidas; o Flamengo como time fechado; a tentativa de candidatura indicada pelas torcidas para a presidência do clube; a mudança do cenário entre as torcidas; os problemas com as concessões de ingressos; as pessoas importantes para a história das torcidas organizadas; o trabalho no Jornal Tijução; o trabalho com rádio; a decisão de sair da liderança da Torcida JOVEM; o lema “Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo”; as perspectivas para o futuro das torcidas; as torcidas organizadas existentes; o papel da imprensa; memórias da juventude com a Torcida JOVEM; conclusões e agradecimentos.

*Entrevista: 13/12/2012*

B.H – (...) Que isso possa ser consultado como pesquisa...

J.S – Certo. Ótimo.

B.H - Que isso possa passar por um novo olhar que, em geral, a gente não está habituado a ver na grande imprensa. Então, só para situar um pouco essa ideia, então temos pesquisadores que já são da área, que já lidam com o assunto, em termos de pós-graduação... Como a Rosana que fez a dissertação de mestrado. O Jimmy que tem um trabalho... A gente, agora, está trabalhando com pesquisa quantitativa um pouco para, justamente, mapear os grupos. Onde estão as torcidas jovens? Da onde que é? Situar mesmo, na cidade, como está sendo essa distribuição. Então, o Jimmy trabalha aqui no FGV Opinião, com pesquisa quantitativa. A ideia é essa...

J.S – Certo.

B.H – A gente quer preservar essa memória. Esses acervos...

J.S – Não, eu acho importante preservar essa memória, mas está ficando difícil. (Risos). Eu sofro um pouco. Uma das coisas que eu falei para a minha esposa é que, quando eu morresse, é que ela pegasse as minhas cinzas e jogasse na torcida JOVEM, porque lá foi a minha vida. A minha experiência de vida. Se, hoje, eu sento com o juiz e converso com ele ou eu converso com um traficante no mesmo nível... As pessoas falam: “Carlos, como você tem entrado em tudo quanto é lugar e sabe sair de um assunto e entrar no outro?”. Foi a arquibancada que me deu todo esse ensinamento. Foi a arquibancada. Então, eu falei: “Joga as minhas cinzas todas lá onde era a torcida JOVEM”. Só que hoje acabou. Tiraram a arquibancada! Então hoje você não sabe nem onde que era porque mudou o maracanã todo. Eu falei: “Filha, peraí, espera, porque eu vou arrumar outro lugar para você guardar as cinzas porque não está tendo mais lugar”.

B.H – Tem a Larissa que, como eu falei também, participa dessa pesquisa, está terminando o curso de ciências sociais, não é? Tem mais 1 ano, não é ?

J.S – Muito legal.

Larissa – É.

B.H - Participando, acompanhando esse processo. A gente tenta fazer uma estrutura de gravação, a gente tem um roteiro, mas a gente...

J.S – Me ajuda para eu não sair do caminho, porque... E eu não posso, porque eu tenho que correr para o clube...

B.H – Está bem. Quanto tempo você tem?

J.S – Se você me perguntar do coração, eu tenho a vida toda para falar disso aqui, porque isso aí é a minha vida. Entendeu? Mas...

B.H – Enfim, o que a gente puder aprofundar, a gente vai querer te ouvir, a gente segue uma estrutura cronológica, a gente vai perguntando os seus dados biográficos, em que ano você nasceu...

J.S – Chuta na minha canela se eu tiver saindo do teu caminho. Porque eu falo muito.

B.H – Está ótimo. Está ótimo.

[Intervenção técnica. Ajuste da microfonia].

B.H – Larissa? [Tem para Larissa? ] Mas você se sinta à vontade para perguntar, está bem?

J.S – Não...

J.M – Tratar, aqui, com carinho, porque se não, não é? [Risos].

J.S – Porque eu tenho uma do Zico, lá do México, não é? Desculpa! Do México, não! Do Japão. Essa daí [...] mais do que o do Zico, do Japão. [Risos]. Essa daí foi foda.

B.H – Carlos, eu faço só uma apresentação padrão, de início, vou repetir os dados que a gente repete nas outras gravações. Você é da área de comunicação, não é? Já conhece...

J.M – [risos]

J.S – É.

B.H – Sabe, mais ou menos, como é... [Riso]

J.S – Já trabalhei em rádio, tudo, mas não dá não.

B.H – Não? (Riso)

R.T – Tem voz mesmo de radialista.

J.S – Sou apaixonado... Há três anos, até que eu ainda cumpri um horário. A gente fez um programa falando do Flamengo em 1987. Quando os caras vieram dizendo que não iam pagar o salário, eu chamei o Francisco Horta, que era o chefe da equipe, vamos fazer o seguinte: “Vocês estão enganando que vão me pagar e eu não vou enganar dizendo que eu vou trabalhar.” Às vezes eu ia namorar lá no Alto da Boa vista e ligava dizendo que eu estava no Fluminense esperando, porque estava para sair um jogador. Mentira! Eu falei: “Pára”. “Vocês me dão um horário, duas horas de um programa todo sábado, para

eu fazer o que eu quiser e vocês não me dão mais nada. Agora, o que eu vender de anúncio é meu.” Eles falaram: “Está fechado”. Eu não vendi nenhum anúncio, mas eu fiz um programa falando do Flamengo, em 1987. O primeiro programa de Torcida e de clube. Era um programa falando do Flamengo. Então o que a gente fazia? O programa era de 13hs às 15hs. Acabava o jogo, até saiu há duas semanas, também no facebook e saiu no Globo Esportes, na véspera de Flamengo e Atlético, uma matéria da carreata que nós fizemos: Está eu, Miltinho, Germano. Porque a gente fazia a carreata? Acaba o programa, a gente fazia a carreata até a Gávea, porque o Flamengo estava chegando da final da Copa União. Então saía carreata, cheia de carros...

R.T – Nóssa...

J.S – E anúncio, eu não botei *nenhum*. Porque a gente começava a falar... Da última vez eu falei mesmo: “Ih, esqueci até de botar anúncio”. [Risos]. Deixa esse tal de anúncio para lá. Vamos fazer o programa. E há três anos, eu fiz na rádio Bandeirante. “A voz da Nação”, por causa da campanha que a gente fez para ajudar a Patrícia a ganhar a eleição. Aí eu fiz o programa e falei: “Patrícia, senta do meu lado porque você não sabe falar nem ‘a’”. Eu vou te ensinar porque do outro era o Kleber Leite. Eles podem te fazer todas as perguntas que eu sei que eles irão te fazer porque eles não querem que você entre. E a Globo está... Um dia você vai sentar na Globo, eles vão te fazer perguntas. Aí ela, ali, foi se soltando até acabar ganhando a eleição. Mas eu tenho paixão imensa pelo rádio, mas não vendia. O dinheiro se ganha em outro lugar.

B.H – Muito boa tarde. Hoje é quinta-feira, 13 de dezembro de 2012, depoimento de João Carlos Santos da Silva, ex-presidente da torcida JOVEM do Flamengo, dentro do projeto “Torcidas organizadas, criando fontes”. Participam dessa gravação o Jimmy Medeiros, Rosana da Câmara Teixeira, da UFF, Larissa [Bauer Vanculler] e Bernardo Buarque. Bom, João Carlos, muito obrigado por ter aceitado o nosso convite para participar desse depoimento, dessa série que, para nós, é muito importante e queria começar te ouvindo um pouquinho sobre a sua infância, se você é daqui do Rio de Janeiro? Que ano você nasceu? Fala um pouquinho...

J.S – Eu nasci em Niterói. E, em Niterói, quer dizer, com um ano de idade meus pais vieram ao Rio. Então, quer dizer, praticamente, nasci no Rio. Foi em 1957 e de lá, nós fomos morar na Tijuca. Fiquei por lá até 1978, foi quando meu pai foi morar em frente ao portão 18 do Maracanã. Aí é que piorou a situação, porque a gente já era apaixonado,

ficou mais apaixonado e mais dependente de não deixar de ir, nunca, ao jogo. Então, basicamente, é isso. Sou formado em jornalismo.

B.H – Seus pais, então, são de Niterói. São da cidade de Niterói?

J.S – Meu pai era de Campos. Minha mãe de Bom Jesus. Conheceram-se por lá. Vieram para Niterói. Enfim, eu nasci ali. Com menos de um ano de idade, nós viemos para Tijuca. Da tijuca, para o Maracanã e do Maracanã, eu nunca mais eu saí.

B.H – Então o seu pai já era aficionado...

J.S – Americano.

B.H – Americano?

J.S – Meu pai é América [Futebol Clube]. Não era muito chegado a futebol. E o meu filho, hoje, é Flamengo porque eu sou Flamengo. Ele não sabe nem... Se você perguntar o nome de um jogador do Flamengo, ele não sabe.

R.T – [Riso].

J.S – Agora, as filhas, não. As filhas sabem tudo. Brigam como o pai. As meninas são da Torcida JOVEM. Eu falo para elas que ele é da torcida mais amena lá. Mas o “ser Flamengo” foi mais por causa do irmão do meu pai. Irmão do meu pai era Flamengo, começou a me levar para jogo. Então o meu primeiro jogo foi em 1966, Flamengo e Bangu. Flamengo perdeu a final de 3x0. Meu pai falou: “Olha, estou com um maluco na família, que, com 9 anos de idade, no intervalo do Flamengo perdendo o jogo, ele foi parar no posto médico, emocionado porque o Flamengo estava perdendo”. Aí meu pai pensou: “Esse aí não tem jeito! Já viu que isso aí não vai dar em boa coisa, não é?” [Risos]. E de 1966 para frente, desde os 9 anos de idade, eu venho acompanhando tudo o que possa ser em termos de Flamengo.

B.H – E o seu pai trabalhava em quê?

J.S – Meu pai trabalhava na área de comércio na rua São Cristóvão. Comércio de Autopeças e tudo. Até que, uns seis anos atrás, ele e minha mãe faleceram. Então a gente deu seguimento. A vida, hoje, não... Eu sou empresário. Em Natal, eu tenho alguns negócios na área de construção civil e aqui no Rio também a gente tem alguns negócios aí. Mas, hoje, eu estou meio aposentado, porque eu tinha empresa, botei ela toda abaixo, eu construí lá algumas casas e a gente vive de aluguel e de negócios em São Paulo, que eu faço na área de construção. Essa é a parte em que eu trabalho mais.

B.H – Eu imagino que morando e crescido ali na Tijuca, você tenha estudado em colégios...

J.S – Eu estudei em Escola Pública, não é? Estudei na Afonso Pena o meu primário. O meu ginásio, foi na Orsina da Fonseca. O meu científico foi Paulo de Frontin. A faculdade que foi a Gama Filho, na área de comunicação, de jornalismo. Porque, antigamente, era Comunicação Social, mas você tinha que escolher logo de cara. Hoje, não. É jornalismo, Publicidade ou Relações Públicas. Só tinham essas três carreiras. Aí eu fiz jornalismo. E depois disso...

B.H – Aonde você fez?

J.S – Na Gama Filho. Um pouco antes de me formar, eu comecei a trabalhar na área de esportes, como equipe de esportes, como repórter de campo, no qual eu até pedi aos caras: “Me bota em qualquer clube, menos no Flamengo, porque se eu ver coisa errada, eu não vou falar”. Mas foi pior, porque para outros, via coisa errada, falava e me expulsavam de lá. [Risos]. Aí eu falei: “Para onde eu vou?” Então me bota no esporte amador porque fica melhor. Mas nada. Aí eu fui trabalhar em jornalismo. Só que chega uma hora em que... Minha esposa, eu conheci na rádio. Ela engravidou. Eu falei: “Peraí, aqui não vai dar para sustentar filho, não. Nós dois dava para segurar”. Aí eu saí e fui montar meus negócios. Fora rádio. Ela também foi cuidar das crianças. E só agora, uns quatro anos atrás, quando eu voltei a atuar um pouquinho, por pouco tempo, mas eu tenho a minha paixão por jornalismo. A minha paixão por rádio. Principalmente por rádio, mas, nisso, eu parei.

B.H – E, em 1960, essa lembrança de infância, do Rio de Janeiro... Como era? O que você lembra? De vivência...?

J.S – Olha só, inclusive de vivência é muito clara. Sábado agora... Nós temos um encontro anual de todo mundo daquela turma de infância. Então nós tivemos agora, no sábado, esse encontro. Então era outro Rio de Janeiro, não é? Em que você colocava aquela linha na árvore, aí quando a pessoa passava do outro lado, ela caía, a pessoa levava susto [risos]. Ou então botava uma moeda presa no chão, o cara pegava para passar. Quer dizer, uma brincadeira saudável que você não tem dela hoje, não é? Soltar pipa, direto... Jogar bola, jogar botão. Até uma discussão em que todo mundo falou: “Duvido que o João Carlos – que era o melhor do botão lá – tenha algum jogador.”. Eu falei: “Que isso! Eu tenho *todos* os meus times com os jogadores!” Um dia eu vi, lá em Natal, meu filho com o time de



Botão jogando com o coleguinha dele e maltratando o botão, em que eu quase mato ele! [Risos] Eu falei: “Peraí! Não maltrata o meu time de botão não, porque esse aí...”. [Risos]. Porque eram os brinquedos que você fazia, que você trocava um botão pelo outro... Então você tinha amor por aquilo. Era uma conquista que você tinha. Hoje a coisa está diferente! Modernizou. Hoje a coisa está mais fácil de ser feita. Então, a minha infância foi essa, jogando botão, soltando pipa, jogando bola – mal -, [riso] o corpo já diz... Eu era mais goleiro, não é? Um centro avante que não precisa correr muito. É jogando bola e sempre Flamengo. Então essa foi a minha escola. Acampando. Depois, venho a adolescência e eu acampe *muito*. E, hoje, por incrível que pareça, também nessa festa. O pessoal falou: “Po, João Carlos” - Porque alguns a gente não vê há muito tempo – “você não vai beber uma cerveja?”. Eu não *bebo nada, nada, nada!* Muito pelo contrário. Essa semana, também um amigo meu veio falar: “Po, vou ser avô pela primeira vez, vamos tomar um chopp junto?”. Eu tomei. Passei mal a noite toda! Porque, por ser chefe de torcida, porque depois eu me tornei chefe de torcida, eu era o responsável. Então quando você tem que levar 40, 50 homens para fora, alguém tem que tomar conta de 40, 50. Então alguém tem que ficar lúcido. Alguém tem que ser o careta do negócio. Então o meu organismo não se habituou com a bebida alcóolica. *Raramente* eu bebo. *Raramente* um vinho. Minha esposa reclama, porque eu não tomo licor com ela, às vezes. Mas, quer dizer, a parte de drogas também não bateu no meu cartel. Não foi porque a minha mãe me ensinou a “droga errada”, a “droga certa”. Não. Foi porque você tem que tomar conta se chegava no ônibus. Eu fala para os caras: “Olha, tem 40 pessoas, se alguém vai fumar maconha, aqui dentro do ônibus não, porque 39 não tem que ficar cheirando alguma coisa que não quer fazer. Quer fazer? Nas saídas, nas paradas, você vai no banheiro lá e faz. Se eu souber, eu jogo fora.” Cansei de abrir mochila, abrir janela, jogar a maconha fora e nego chorar. “Eu falei para não fazer aqui”. Então, essa responsabilidade que, antigamente respeitavam também, de não beber, de não partir para o lado da droga, passava isso para família.

B.H – Então a sua primeira lembrança de Maracanã é esse jogo com nove anos de idade...

J.S – Flamengo e Bangu.

B.H – Flamengo e Bangu, não é?

J.S – Eu me lembro muito raramente, eu ali, para o lado da CHARANGA, Brasil e Paraguai, Eu acho que foi o único jogo em que eu torci para o Brasil, porque eu sou Flamengo. Eu não curto até hoje. “Ah, tem jogo da seleção”. Eu falei: “Então deixa eu ir

para rua... [Risos]. Não rola. Hoje, muito mais ainda. E depois que você começa a conhecer, à fundo, os bastidores, quando você começa a trabalhar em rádio... Quando eu fui trabalhar em rádio, eu diminuí muito o meu ritmo de torcer, porque você via coisa muito errada e você fala: “Caraca, olha o que eu já perdi [...]”. Mas nada. O vermelho e preto faz você voltar e faz você voltar e faz você voltar... E eu voltei várias outras vezes. Mas quando se fala de seleção, eu não ligo mesmo, porque não existe amor à camisa. Se você perguntar para mim: “Torcedor Rubro Negro gosta mais...” O amor que o argentino tem – o torcedor argentino – e, principalmente, o time de Rugby, que o argentino tem pela camisa, é muito mais pelo próprio time. Eu estava na Argentina, na decisão [...] entre a África do Sul e Argentina de Rugby e ia jogar no futebol Venezuela e Argentina. Eu estava lá conversando com o pessoal do Molusco. O Flamengo jogou contra o Lanús aqui e jogou lá e os caras trataram muito bem a gente porque tinha uma pessoa nossa que foi da torcida JOVEM, que é argentino, que voltou para lá, por problemas de doença, ele teve que voltar para Argentina. Então quando o Flamengo foi jogar com o Lanús, ele fez uma recepção fantástica, da torcida do Lanús com a torcida do Flamengo. Eu fui lá. Eu estava vendo o jogo, batendo papo com eles, e eles falaram: “João Carlos, nós temos paixão pelo nosso clube e pela seleção de Rugby.” A seleção de futebol nem... Porque eles não são mais brasileiros e não são mais argentinos, [eles vivem mais lá fora do que aqui dentro]. Então a paixão [está nesse caso.]

B.H – Mas a lembrança de ter visto, salvo engano, aquela eliminatória na Copa de 1970.

J.S – [Aquele 1 x 0 contra o Paraguai]. Com Tostão...

B.H - Conta-se que foi o maior [confusão] na história do Maracanã.

J.S - Maracanã, a gente já cansou de ver jogo no Maracanã em que você sentava entre um e outro que não estavam sentados ali no meio. Aí você sentava ali no meio, não é? Eu já dormi muito no Maracanã. Passar a noite lá, de uma noite para outra para cortar papel... Porque, antigamente, nós só tínhamos *seis* credenciais para todas as torcidas e eu achava que “eu tenho condições de ganhar dinheiro”, então a gente dava para o mais pobre a credencial da torcida. Essa era a... Quando *eu* estava comandando a torcida. Mas o que eu fazia? Eu pulava o muro, e outros pulavam o muro e a gente ficava lá dentro. E esse “pular o muro” tinha uma amizade muito grande com as outras torcidas, como aconteceu uma vez – aconteceram várias vezes, mas a que mais me toca – foi entre o Botafogo e Palmeiras, que quem pulou o muro? Nós, pulou o Pintinho da YangFlu, Ronaldo da

YoungFlu, pessoas das outras torcidas pularam, então a gente fazia uma [pelada], ali, antes de abrirem os portões, das torcidas adversárias... Antigamente era a TOB, a torcida organizada do Botafogo, que depois virou [...];

B.H – Isso.

J.S – Então a gente jogou essa pelada lá. Então, quer dizer, havia um intercâmbio de um bom relacionamento, com algumas raras exceções, mas tínhamos um bom relacionamento. Não tinha essa confusão... Então aí foi essa nossa vida lá dentro do Maracanã.

B.H – Em 1969, 1970, você...

J.S – Em 1969, eu ainda vi o Fla x Flu, 3 a 2, eu me lembro. O Flamengo perdeu, com o [Domingos] entregando o jogo. Em 1966, foi o Valdomiro que também entregou o jogo lá. Em 1969, eu me lembro. De 1970 para cá, é muito claro. De 1970 para cá, foi 1 x 1 contra o Fluminense, com o Flamengo campeão. E por aí vai.

B.H – Aí você já ia sozinho...?

J.S – Sozinho. O meu pai me levou em 1966 a 1969. De 1970 para cá, meu pai não me levava mais não. Em 1974, eu que o levei para ver o time do América jogar contra o Fluminense. Eu falei: “Pai, o teu time é bom, os caras estão [batendo bola], tem o Edu. Vamos lá ver o jogo?”. Aí eu o levei lá, mas também foi a última vez. Também ele não quis ir mais não.

B.H – E você passou a ir sozinho com amigos? Independente da família, você passou a ir com amigos ou você...?

J.S – Não, eu encontrava a turma lá. Mas você já começava... Porque desde 1967 – eu acho que foi o Flamengo e Botafogo -, meu time [migrou] para cadeira e para arquibancada, eu tenho até uma foto, que eu tenho que recuperar ela, em que eu vi no Flamengo, ou dia, em um museu que eles fizeram lá. Uma foto minha com a cara de muleque. Eu falei: “Caraca, sou eu!”. Eu em 1969, já tinha entrado para a Torcida JOVEM, mas só que olhava os caras como ídolo, você olhava o Onça, olhava a Tia Helena, olhava todo mundo como ídolo. Eu estava ali com a sua camisinha, mas “po, não vou botar aquela camisa, aquilo ali é uma camisa para deus ainda, não é?”, porque eu via os caras, eles eram mais velhos etc. e tal. Mas em 1969, isso aí em 1970, quer dizer, desde 1967 eu rondava ali o setor da torcida JOVEM, mas de 1969 para cá, quando virou Torcida JOVEM mesmo, foi quando a gente seguiu direto e eu já ia, sentava lá sozinho,

está lá a foto do João Carlos sozinho com 12 anos. Mas dava para você ir ao estádio com 12 anos. Agora, por exemplo, não dá. Acho.

B.H – Então você acompanhou à distância, nos anos 1970, a torcida JOVEM e...

J.S – 1967, 1969... Até 1969, foi à distância, mas tem uma foto minha com a camisa escrito “Torcida JOVEM”. Mas de 1969 para frente, eu acho que eu já acompanhava. 1970... Em 1969, eu fui, perdendo por 1 a 0 para o Corinthians no Pacaembu. Fui já com a torcida JOVEM. [Morreu até o pai do [Aradin], o pai do [Aradin] até era Flamengo, nesse dia, desse jogo, estava [no meio do povo, que já tinha]. Em 1970 também, aí eu já viajava com o povo... Era taça de prata naquela época!? Aí eu comecei a [frequentar] mais sem pai e mãe. Aí eu já conseguia.

B.H – Então você começou a se aproximar da torcida JOVEM, mas ainda como um torcedor e não como uma liderança?

J.S – Não como uma liderança, porque a liderança, para mim era deus, como a Tia Helena, não é? Tanto que eu falo que tudo que... “Nada do Flamengo, Tudo pelo Flamengo”, a gente aprendeu com ela, entendeu?

B.H – O lema da torcida, não é?

J.S - É. O lema da Torcida JOVEM é “Nada do Flamengo, Tudo pelo Flamengo”. Então tudo o que a gente passou até para os nossos pupilos foi isso. A Torcida JOVEM sempre foi, até a minha época, independente *de tudo*, em termos do Flamengo, para poder você cobrar quando tiver que cobrar. E nunca pedi nada. Não pedi uma camisa, *nada, nada!* Foi isso que ela passou. Fui saber há pouco que, às vezes, quando [o ônibus] enchia, o seu [Evandro] Coelho, o Jorge [Arão] ajudavam a pagar o ônibus para poder ir. Mas isso aí eu acho que não é nada porque você está levando um ônibus para jogar fora– hoje eu penso dessa maneira pouco diferente -, você está levando um ônibus para um ligar fora, é um marco de relações para o seu clube. Então nunca... O nosso lema, o da Torcida JOVEM, sempre foi esse, não querendo nada do clube. Então foi que assim que eu aprendi com ela. Eu tenho muita orgulho daquela mulher.

R.T – Você começou como componente, então?

J.S – Como componente, porque, no início, a Torcida JOVEM... Eles comemoram em 1967, não é? Mas a realidade, “o nome Torcida JOVEM” foi em 1969. Em 06 de dezembro de 1969, virou Torcida JOVEM mesmo. Mas desde 1967 era “Poder JOVEM”,

porque tinha aquele negócio do “Poder Negro”, não é? Alguma coisa mais ou menos desse tipo, não é?

R.T – Aham.

J.S – Então, só que houve uma racha, porque a Torcida JOVEM, antigamente, era muito centrada, quietinha, muito calminha... Aí a turma da bagunça resolveu rachar e foi fazer a FLAMANTE. Então a torcida da bagunça foi para FLAMANTE e os certinhos ficaram na Torcida JOVEM. Agora, é o oposto, não é?! [Risos]. Mas, então, foi quando teve essa situação em que as bagunças em que ela não aceitava nas excursões e tudo. O pessoal falou: “Não, não. Vamos fazer a FLAMANTE.”. Aí trouxe o [Caio] ia para FLAMANTE, o Pelé, o Reco, foi todo mundo. Fez-se a FLAMANTE e muita gente tinha... Muitas vezes, o pessoal da JOVEM ia de ônibus da FLAMANTE. O pessoal: “Não, [a gente gosta, nós somos da JOVEM, mas vamos com o time da FLAMANTE]”. [...], mas a JOVEM não consegue, não. Eu tentei sair em três na fundação da Raça, a gente foi fazer a Raça, mas eu não consegui ficar três jogos lá. Se você da Torcida JOVEM, não tem como mudar.

B.H – Você falou aí, agora, da Raça e é interessante, porque nos anos 1970 tem uma ampliação do número de torcidas, quer dizer, durante muito tempo era, apenas, a CHARANGA, era o Jaime de Carvalho e, a partir de determinado momento, isso começa a proliferar.

J.S – Isso.

B.H – Como era essa relação entre os grupos? E como você se sentiu mais seduzido pela JOVEM, do que pelos outros. Como é o relacionamento entre as torcidas?

J.S – Até hoje, quando eu saio da onde eu sento, no Maracanã, não sei como var ser agora, eu me sentia descolado dentro do estádio porque você está acostumado a ver o jogo daquele lugar. Mas quando saiu o Poder JOVEM... Quer dizer, era a CHARANGA, aí vieram o Poder JOVEM que rachou entre JOVEM e FLAMANTE. Um pouco depois, surgiu... A Verinha da FLAMOR saiu da JOVEM e foi fazer a FLAMOR. Aí o que acontece? A gente tinha contato com a Verinha direto e íamos a muitas excursões com ela também, porque a maioria das mulheres fora para a torcida dela. Então a gente “vamos passear nas excursões com ela”. [Risos]. “Vamos no ônibus da Verinha”, entendeu? Mas tínhamos uma relação com a Verinha normal. Depois, a Dona [Biberti] fez entre a JOVEM e a RAÇA. RAÇA não. Entre a JOVEM e a FLAMOR, a Dona [Biberti] fez a FLAMILHA, que era a Dona [Biberti] e a família dela, que era da Ilha, aí fizeram a

FLAMILHA. Entre nós e a CHARANGA – eu estou me posicionando no Maracanã – havia a FLATOR antes, do [Dídimo], que também rodou a Torcida JOVEM, mas só que [Dídimo] resolver fazer a FLATOR antes. Aí o João brigou com o [Dídimo] e foi fazer a FLAPONTE lá no meio, entre a FLAMANTE e a Verinha. [Risos]. Então você vê o andamento das torcidas até, cronologicamente, é isso. Aí o Claudio brigou com a Verinha e eu estava meio chateado com a Tia Helena, porque a gente queria mudar a camisa da torcida – e hoje eu dou razão à ela -, mas naquela época a JOVEM estava sempre discordando dos mais velhos... Aí o Claudio tinha brigado com a Verinha e resolveu fazer a RAÇA. Aí eu cheguei: “Po, vamos, Claudio”. Mas a filosofia deles e a camisa que a gente pensava em fazer para JOVEM, que era vermelha... Porque a camisa do Fluminense, não tinha a camisa do Fluminense... A organizada do [Ailbe] era vinho, era bordô... Era amarela! Branca era a YOUNG. E a Força era verde. Uma camisa verde. Eu falei: “Po, vamos fazer a nossa vermelha”. Vermelha, escrito o negócio em preto. Aí a RAÇA fez. Eu achei legal, mas só que eu me senti torto. Não consegui ficar três jogos ali não. Eu falei: “Não, não”. E a JOVEM estava... Realmente a Tia Helena estava doente. A JOVEM já estava só assim, um pedaço de bandeira escrito JOVEM na coisa, não é? Eu falei: “Não, vou levantar a JOVEM de novo”. Aí foi quando eu realmente eu parti para dentro, de assumir a JOVEM. Então a gente passava com uma bandeira lá embaixo. Eu falei: “Po, passou com uma bandeira?” Eu falei: “Cara, você está indo para onde?”. O cara: “Ah, estou indo para lá.”. Eu falei: “Para lá não, vem para cá”. A gente não tinha dinheiro nem para comprar bandeira, em 1977 para 1978, foi quando a gente conseguiu levantar a torcida... E foi muito legal! Um grupo muito... Aí o Milton brigou na FLATOR antes, veio para a gente. O Ricardinho, Betinho... Acabou. Aí teve a GARRAFLA... Na inauguração da RAÇA, o Vitório fundou a FLA12. Aí ficou FLA12, GARRAFLa, FLASAÚDE e FLAPOVO. Eram quatro [faixas], juntaram as quatro faixas numa só. Aí eu consegui trazer para cá o Ricardinho, o Betinho... Então, quer dizer, a gente foi trazendo... Só gente boa das outras torcidas que [...] “vem para cá, então”. Aí fundou esse grupo bom que teve a Torcida JOVEM.

B.H – Tinha essa coisa de recrutar de outros lugares para tentar fazer...

J.S – Para tentar levantar a Torcida, porque ela é uma torcida JOVEM. Então a gente conseguiu. E foi uma coisa muito legal, porque foi passada essa independência e que “somos poucos, mas somos melhores”, somos o exército Rubro Negro, entendeu? Porque

nós podíamos viajar e [quem ficava sempre de frente]... Não que a gente ia para brigar, mas a gente defendia. Então a história de Exército Rubro Negro, o cara falar, hoje, de violência, tanto que eu ganhei uma camisa deles, do pessoal da JOVEM atual, camuflada, não é? Eu falei: “Não, peraí, isso não tem nada a ver.” A verdade do exército Rubro Negro não é esse aí, não?! Eu falei: “Muito obrigado, deixa a camisa aí porque eu não vou usar nunca ela”. [Risos]. Sempre quando a gente viajava, quem ficava de frente éramos nós e não era nem para briga, porque eu tinha uma amizade muito grande com o pessoal da Gaviões da Fiel, eu tinha uma amizade enorme com o pessoal da TUP do Palmeiras, entende? A gente só não tinha muita amizade com o pessoal do São Paulo. Hoje, é o contrário, não é? Com o da Gaviões era imenso. A nossa amizade com a Gaviões da Fiel acabou por causa da FLAFIEL. Porque inventaram a FLAFIEL aqui, em que jogava Flamengo e Bangu, eu acho que era Flamengo e Bangu o primeiro jogo, e o segundo jogo era o Corinthians e Vasco, quando o Roberto voltou.

B.H – Isso.

J.S – Aí o Flamengo empatou O x O, o pessoal da Gaviões ficou mexendo com o Zico. Aí ele ficou quieto... Foi O x O. Aí quando o Roberto meteu 5, [ e o Sócrates não fez nada] e a gente sacaneou o [Sócrates], o pau cantou! [Risos]. Acabou a FLAFIEL! Aí o pau cantou na arquibancada, entre Flamengo e Corinthians! Porque falaram mal do Sócrates e ali a amizade com a GGAVIÕES DA FIEL diminuiu um pouco, não é? Mas foi uma briga normal. Mas eu tinha amizade com o pessoal da TUP, tenho várias cartas. A única rixa nossa mesmo era com o pessoal da torcida do Atlético. Esses daí é que nunca deu certo.

B.H – E como funcionava a torcida – se é que a gente pode falar em funcionamento – ela se encontrava nos jogos...?

J.S – Ela se encontrava no Maracanã.

B.H – Tinham as viagens... Tinha algum ponto de encontro?

J.S – Na verdade, uma das coisas em que eu até comento muito, que eu acho que estragou bastante esse problema de torcida e ajudou os tais pelotões surgirem, é que, antigamente, a gente tinha sala no Maracanã.

R.T – Aham.

J.S - Então, como nós tínhamos a sala no Maracanã, nossas coisas todas ficavam guardadas no Maracanã. Então, a gente se encontrava no Maracanã. Então você não



criava, do lado de fora, grupos. Você [alugava] salas... Se você tem um [bloco] de salas, em que você coloca 20, 30, 40 garotos, jovens, cheios de disposição e sem responsabilidade quase nenhuma, vai acabar virando bando, entendeu? Vai acabar virando bando. E isso não acontecia! Muito pelo contrário, a gente tinha que pular o muro, focava um ou dois... Porque na sala que ficava... A torcida do Flamengo tinha duas salas, então ficava a sala da CHARANGA no início... Tinha uma sala que ficava a sala da CHARANGA e fizeram uma antessala da JOVEM e da FLAMANTE. Então, um ajudava o outro a apertar o couro da bateria, a ver como está a bandeira, a picar o papel... Depois, a gente conseguia uma sala para a torcida JOVEM. O que acontece? Já fica diferente. Você já consegue guardar o seu material, aí a gente pulava o muro, se escondia lá em cima quando a polícia passava, mas todo mundo ajudava todo mundo. Então havia... À 5 metros, até menos, da nossa, era a sala da YOUNGFLU! Então o pessoal da YOUNGFLU vinha pegar o material deles para um jogo em Bangu ou em outro lugar e tal, na moral, passavam, pegavam o deles e iam embora! Por quê? Porque se a gente fosse entrar e quebrar o deles, quando não fosse o jogo deles, eles iam quebrar a nossa! Então tinha esse incentivo. A partir do momento em que você tirou a torcida para fora, ajudou a criar pelotões, a criar... Eu vou falar “pelotões” por causa da torcida do Flamengo, as outras eu não sei o nome... Tem o Canil, que eu acho que é do Botafogo, não é? A criar isso. Aí você começou a criar grupos. E [...] criar grupos. Aí você vem com um problema que houve social, são histórias que chegam para mim: “Mas o que está acontecendo?” Por exemplo, sobre esse negócio de grupo, eu estava uma vez na rádio, quando me chega o Miltinho desesperado... Eu falei: “O que houve?”. “Po, os caras estão saindo de uma reunião lá na rua Senador Dantas – onde ficou a JOVEM – para poder ver o dinheiro que tem em caixa para comprar um “38””. Eu falei: “Peraí, eu vou lá”. Cheguei lá, não tinha, já não estava mais. Eu cheguei lá e falei: “Vem cá, Peraí. O que é isso? O que está acontecendo?”. “Não, porque os caras, à três ruas ou quatro ruas daqui, tem um pessoal da torcida tal e temos que...”. Eu falei: “Pára! Não é por aí, não”. Se tem dinheiro sobrando, bota bandeira. Faz outra faixa, mas chega uma hora em que você tem... Você tem domínio sobre aquele garoto quando ele tinha 15 anos, 16... Mas quando chegar a 19, ele vai te dar cascudo. Está me entendendo? Então foi muito maléfica a saída do Maracanã das torcidas organizadas para fora. E principalmente... Vou dar outro exemplo. Em Vigário Geral. Antigamente tinha Vigário Geral e Parada de Lucas, que eram cortadas



pela Avenida Brasil, então começou a ter gente de torcida que não era Flamengo. O cara era Botafogo e era da turma de Vigário Geral, e a turma de Vigário Geral, a maioria era da Torcida JOVEM, então ele não ia para Torcida do Botafogo, que estava lá do outro lado, porque, indiretamente, na comunidade, ele ser [malandrão]. Então começaram a frequentar pessoas de outras torcidas e entraram nas torcidas organizadas, porque já viravam grupos de bairros.

B.H – Mas isso em que época?

J.S – Isso agora! De um tempo para cá. Isso tudo proveniente do quê? De você ter tirado. Então, nós não tínhamos esse negócio: “Vocês são da onde?” A FLATUANTE era de Niterói. A FLAPONTE era de São Gonçalo. A FLAMILHA era da Ilha porque era uma família, não é? Mas a torcida JOVEM, não. A Torcida JOVEM é do Maracanã. Ela se encontrava no Maracanã. A sede dela, a base dela, no início era na [...] ao lado da Tia Helena, porque a Tia Helena morava ali na praça. Ela morava ali na praça, então a Torcida JOVEM era em Copacabana e a sede provisória dela era na casa da Tia Helena. A gente saía dos ônibus na casa da Tia Helena. Mas a torcida JOVEM não tinha lugar, ela era lá. Como a RAÇA. O Claudio morava ali perto do Cachambi, pela área do Méier, Engenho de Dentro, o Claudio morava por ali, tinham algumas pessoas de Engenho de Dentro, mas também era espalhado e assim em outras torcidas. A do Botafogo, a do Vasco, não era localizada, naquela época. Naquela época, eu acho quem era vascaíno do Zeca, que era mais lá de cima de Ramos, uma coisa assim, mas não tinha essa coisa... Da onde que era a torcida? A gente se encontrava no Maracanã. Por causa das salas.

R.T – E quando você começou a assumir, então, a torcida, essas salas já existiam?

J.S – Não. A gente usava a sala da CHARANGA, que dividiu para JOVEM e para FLAMANTE. Então, a gente usava um pedacinho... Porque eram dois cômodos. No cômodo de cima, era a da CHARANGA do Jaime e Seu Ernesto. E na cômoda da frente, feita de madeira em dois cômodos, ficava o material da JOVEM e o material da FLAMANTE. Muito, mais muito depois que veio a liberdade da JOVEM ter uma sala, eu acho que a Raça teve uma sala e continua a sala da CHARANGA. Aumentaram. Foram três salas para o Flamengo, três salas para o Vasco... Porque, antigamente, do lado do Vasco, era uma sala só, em que tinha essa situação. Então, a saída dessas salas do Maracanã, criou grupos, criou brigas de rua, criou briga de bairro, criou pelotões e a coisa desandou bastante. A do Botafogo, eu acho que até aqui perto, não é?

J.M – Rajar.

J.S – Tem uma aqui no Rajar. Aí virou essa situação. Por exemplo, a gente tem um cara que era um parceiraço, e era da JOVEM, que morava no Rajar. Ele saía quietinho por ali, entendeu? Mas ele já era um cara de idade, já tinha 60 anos de idade, o Ademar etc. e tal. Então nego já respeitava ele, porque... Os garotos que eram da Torcida do Botafogo agora sabiam que ele era do Flamengo, da Torcida JOVEM, então não criaram confusão. Porque se ele tivesse a idade deles, ou ele se adaptava ao grupo e ficava no grupo ou então ele iria apanhar ali dentro. Essa é o que me parece ser a realidade do que aconteceu depois.

B.H – Dessas figuras consideradas históricas, da Torcida, o Pedro Paulo Bebiano, você o conheceu?

J.S – [Conheci] muito, eu tenho até foto dele. A última vez em que vi o Pedro Paulo foi em 1983 e é essa foto que eu tenho dele, quando estávamos lá no Flamengo e Grêmio. Quando o Flamengo foi campeão, eu acho que foi em 1983 ou 1982, no Sul. O Pedro Paulo, eu não o vejo há bastante tempo. O Pedro Paulo Bebiano, a família dele toda era Botafogo. Só ele que virou Flamengo, era da Torcida JOVEM e foi presidente da Torcida JOVEM. Se bem que ele foi até o primeiro presidente, antes da Tia Helena! Porque ele foi presidente da Torcida JOVEM, aí depois o pessoal não respeitava muito, ele deu uma segurada, a Tia Helena deu uma segurada, foi quando a Tia Helena separa. Aí o Pedro Paulo continuou na JOVEM e o pessoal foi para FLAMANTE.

B.H – O Jaime de Carvalho você o conheceu?

J.S – Conheci. Conheci de vista, pessoalmente... [Em termos] CHARANGA, eu cheguei a pegar um pedaço dele, tinha... Eu acho que o Flamengo tinha que ter feito... O Flamengo tem que fazer alguma coisa à mais por isso, entende? Porque foi a primeira Torcida Organizada do mundo! E a história, o Flamengo deixou passar muito! Quando passa, passa muito batido. Eu consegui, agora, resgatar o seu Ernesto – não sei se você... Ernesto não, desculpe-me!

B.H- Ernesto Silvino.

J.S – Ernesto, o cunhado.

B.H – O cunhado.

J.S – O cunhado. O pessoal fez uma festa para todas as torcidas organizadas, todos os presidentes das torcidas organizadas fizeram uma solenidade lá na Gávea e não tinha ninguém da CHARANGA. Eu falei: “Peraí, tem o cunhado.” Aí eu consegui com a

Patrícia o título para ele de sócio emérito. Eu falei: “Peraí, esse cara...” Porque ele é o último da CHARANGA vivo! E fundador. Aí deram o título para ele e foi fantástico!

B.H – E curioso quando você descreveu essas torcidas que foram aparecendo e se ramificando no Flamengo, tem muitas mulheres, [tias]... Interessante, porque a Associação Brasileira...

J.S – Tia Helena, a Verinha da FLAMOR, Dona [Libertina] na FLAMILHA, não sei se eu me lembro... [Se era Vanda ou Dalva, me desculpa] que era da FLATUANTE. Na FLAMANTE era mais o Ricardo e a Tuninha, não é? Que ficava mais de frente. Porque as mulheres organizam mais [Risos]. Elas [servem] para poder organizar um pouco mais o negócio.

B.H – Curioso que, para quem vê de fora, pensa-se a história inicial da Torcida JOVEM como “Poder Jovem”, associado ao poder negro, é interessante porque se pensa a ideia de JOVEM justamente o antagonismo à pessoas com idades mais avançadas, como o Jaime de Carvalho, quando ocorreu a dissidência da Torcida JOVEM. Depois, ela vai ser liderada pela Tia Helena. Não tem uma certa contradição “ser JOVEM” e ao mesmo tempo...?

J.S – Tanto que o jovem que tinha a mente bem jovem, do “poder Jovem” foi para FLAMANTE. Aí ficou ali na JOVEM, naquela época lá, ficou o Onça, ficou o fuinha, o Pedro Paulo. Ficaram os jovens mais lights... [Risos]; Mas, como eu também vou me colocar, como mais alienado com o problema que estava se passando no país, que eu não tinha noção. Em 1970... Eu não tinha noção o que estava passando, entende? Então, talvez, um “Poder Jovem” foi para FLAMANTE. O poder Jovem foi para FLAMANTE e ficou a Torcida JOVEM light, alienada com o que estava acontecendo com a Torcida JOVEM.

B.H – E nesse período que você ajudou a refundar ou a retomar a Torcida JOVEM, como foi essa experiência como líder? Que nível de formalidade tinha um líder? Era um presidente? Era alguém reconhecido porque estava em todos os jogos e assumia as responsabilidades? Como é?

J.S – Infelizmente... Eu sempre me coloquei para as pessoas lá que eu era o líder da torcida, não é? Nem eu me colocava, eles me viam como líder da torcida e você tem que ter um líder. Você tem que ter um líder para comandar nas instituições, você tem que ter um líder para comandar e não ter confusão, você tem que ter um líder para a comunicação

em termos gerais. Até para poder quando iam para outro lado lá e roubavam uma faixa da torcida do Fluminense ou América, vinha para cá, eu pegava e depois eu devolvia. Então, tu tem que ter... Quando você faz um grupo, você tem que ter à frente. Mas eu não me colocava “o presidente”... “Você era o presidente!” Quando nós montamos a ASTORJ, montamos a ASTORJ, foi lá o Seu Armando, e eu falei: “Não, deixa o meu nome de fora”. Eu acho que o verdadeiro líder, nessa hora, deixa os caras de bucha na frente... [Riso]. Mas não tinha. Lá eu era o presidente da Torcida, mas não foi, assim, negócio de votação. “Vamos votar 50 à favor do José Carlos e 3 contra”. Nada disso! Tanto que quando eu saí, o Miltinho já estava, aí veio o Miltinho. Automaticamente você... Chega uma hora em que você tem que começar a cuidar de outras coisas, para você já ter a parte sucessória, para você saber... Aí vem o Miltinho, o quê? Porra, ele é campeão. O Miltinho era de uma paciência fantástica. Então, veio o Miltinho, logo depois teve o Banha, Ricardinho. Aí chegou o Leo... Do Leo para cá, eu bato palma para o Zé Maria. Para o Zé Maria, eu bato palma. Eu falo: “Zé”... São duas pessoas: É o Zé e o Felipe, da FLAMANGUAÇA, hoje. “Vocês dois são da Torcida JOVEM Retrô”. [Risos]. Até uma coisa em que eu fiquei muito emocionado, a gente esteve em uma festa que teve agora lá do clube, aí um cara chegou para mim e veio me abraçar e falou: “Poxa, cara, você é uma história na torcida. Aprendi tudo contigo.” Não é porque [...] que ele não ia aprender nada comigo, mas “vou puxar a sua história, você deixou alguma coisa”. [...] Até no facebook apareceu um cara fortão, bem fortão, morenã, fortão, pedindo para entrar no meu, não é? Aí eu fui procurar para ver quem era. Quando eu vi que ele era da Torcida JOVEM, eu não aceitei. [Risos] [Vai que eu vou sair com o cara e] ele vai chegar em mim! [Riso] Eu não tenho nada com isso! [Risos] Não, não vou aceitar não. Hoje, você foge deles. Infelizmente. Antigamente, não. As pessoas te seguiam e viam qual era a sua maneira de conduta, então automaticamente, eles vão te seguir.

B.H – E vocês tinham carteirinha... Como era?

J.S – Tinha carteirinha, de cartão. Não tinha mensalidade.

B.H – Não tinha mensalidade.

J.S – Na época da Tia Helena, tinha. Na nossa época, não tinha mensalidade. A gente vendia plástico... Mal e porcamente ganhava dinheiro vendendo a camisa. A gente vivia plásticos e donativos que rolavam. A gente não ganhava com ônibus de excursão, porque excursão a gente fazia o seguinte: O ônibus era para 40, a gente botava o preço para 30,

porque 10 eu sabia que ia ter que levar de graça, por causa da garotada que não tinha o dinheiro. Então nunca deixou dinheiro em termos de excursão... Agora, vivia, basicamente, da venda do [plástico]; Agora, quando sumia as nossas bandeiras, a gente fazia uma vaquinha lá e a bandeira aparecia. A maior bandeira – eu até a foto - que a gente tinha foto, a maior bandeira que a gente tinha naquela época, foi a que nós fizemos escrito: “Campeão do Mundo”. Hoje ela é bandeira de mão”. [Riso]. Em comparação com bandeira que tem de patrocínio de um monte de coisa, que a gente não tinha isso.

B.H – Esse período, João, da virada dos anos 1970 para os anos 1980, corresponde ao momento em que apareceu o Zico, a geração de ouro do Flamengo... Teve também um crescimento da torcida por conta dessa...era vitoriosa?

J.S – Eu coloco muito o seguinte, o meu ídolo foi o Silva, botou o camisa 10 é o Silva. Então, eu peguei... Eu acho que aquele cara que foi Flamengo, na minha geração, ele era mais Flamengo do que o Flamengo do Zico. Porque você ser Flamengo com [Caldeira], com Vicentinho de ponta direita... Outro dia teve uma festa também com os ex-jogadores, quando eu vi o Vicentinho, quase que eu falei: [...]. Eu conversei com esse cara daí, eu não sei como eu consegui continuar, entendeu? [Risos]. Esse cara que era Flamengo... É porque ele via que os caras tinham amor. Lógico que Zico, Leandro... É uma coisa fantástica, entendeu? Mas você ser Flamengo [ganhando tudo] é muito fácil. Ser Flamengo antes, porque a gente passou uma época, mais ou menos de 1965 a 1972, sem ganhar nada e foi ali que eu me formei como torcedor do Flamengo. [Caldeira] paixão pelo [filho], [Durval], aí veio o Zico, veio todo mundo.

B.H – Eu falo de crescimento, porque, talvez, justamente porque ganha os campeonatos, começa...

J.S – Sim, os grandes clubes, os grandes títulos, os grandes campeonatos, aumentam a massa. Eu fiquei, agora, morando seis anos em Natal e eu tenho uma preocupação muito grande, o pessoal daqui não liga muito não, porque a *paixão* do Nordeste pelo Flamengo é uma coisa *absurda! Absurda!* De chorar. Eles não me deixam, me telefonam... Às vezes, me ligam quase 1h da manhã, quando o Flamengo perde à noite. Eu falei: “Cara, eu não posso fazer nada”. Mas eles tem a necessidade de estar ao lado de alguém que vive o Flamengo. Estamos em 2.600Km de distância. Você está me entendendo? E o Flamengo não faz nada por essas pessoas. Então essa distância... Agora, aí eu fui perguntar: “Porquê essas pessoas conseguem ser Flamengo?” Foi um sistema de rádio, que tinha uma antena

muito grande, que jogava muito futebol carioca para lá e fez o Flamengo ter uma *imensa* torcida, maior do que a torcida do Rio. Isso está em estatística que [...] fez até agora. A torcida do Flamengo é muito maior no Nordeste do que a do Rio de Janeiro, em termos de número, não é? Só que agora está havendo uma polarização muito grande da mídia em cima de um clube. E está jogando esse clube para fora. Entende? Então, que todos os outros clubes fiquem atentos, principalmente os do Rio de Janeiro. Porque estão fazendo ali... Nego está transmitindo os treinos dos caras. O Santos, ano passado, com aquele belo time, ninguém transmitiu o treino do Santos. Mas a gente até sabe o por quê. A gente que está um pouquinho um passo atrás disso tudo sabe o por quê que está acontecendo isso, dessa massificação em cima de um lugar só. De um clube só, em represália ao futebol do Rio.

B.H – E nesse período em que você esteve à frente da torcida, você saberia estimar o número de componentes? Quantos eram? Informalmente você podia ficar ali dentro, em um jogo, no meio da torcida, mas não, necessariamente, pertencer à torcida? Ou quem estava ali...

J.S – Não, não. Podia ficar. Ficava. Como eu fiquei, quando era no início, não é? Agora, vamos falar assim, nós não chegamos a ter, em termos de carteirinha, mil pessoas, naquela época, de sócio. Não chegou a ter. Mas você tinha mais do que mil ao seu redor. Tanto que, em termos de excursão, vamos falar... Flamengo e Palmeiras; Flamengo e Atlético; Flamengo e Guarani, sei lá 40, 50 anos... Cada torcida organizada, com 40 pessoas dentro, são 1.600 pessoas. Então, havia... O mínimo que a gente levava de ônibus, nessa época do Zico, eram 10 ônibus por jogo, entendeu? Então você tinha uma faixa, normal, de 500 a 1000 pessoas constantemente em sua volta, em qualquer jogo que a gente tinha no Maracanã. Atuando mesmo na torcida, sem ser em fóruns que ficavam fora... Por fora, sentadno ali, entrando, saindo, passando, encontrava no bar. Aí a FLACHOPP ficou junto conosco. O pessoal da torcida JOVEM, alguns começaram a gostar muito de cerveja, aí resolveram montar a FLACHOPP e ficavam no mesmo bar nosso. Então, quer dizer, você vive nesse movimento. Eu viajava, às vezes, na Verinha, e não no da Torcida JOVEM. Viajava no da Verinha. A Verinha... [bonitinho] a torcida do Fluminense. Nós tínhamos um ônibus que nós chamávamos de Arco íris, que iam as meninas, o pessoal do Vasco, o pessoal do Fluminense... E viajavam com a gente, para jogo fora! O que a gente queria

era farrá. Esse era o barato muito bacana... Eu namorei três anos a vice-presidente da Força JOVEM do Vasco. [Risos].

B.H – Nessa época, anos 1970, 1980?

J.S – Não, na faixa dos anos 1980. Eu a conheci, ela querendo me bater! [Risos]. Aí eu falei: “Peraí, menina, como você quer me bater assim? Nunca te vi”. Ela falou: “Não, você jogou morteiro em cima de mim”. Falei: “Eu?”. “É, no jogo de basquete tal, tal, tal, você mirou o morteiro e jogou em cima de mim.”. “Eu joguei morteiro em cima de 500!”. Era eu, Ricardinho, mais uns quatro vendo o jogo de basquete. Aí a torcida do Vasco resolveu invadir a quadra, porque o Flamengo tinha um time muito ruim, mas estava ganhando do Vasco. Aí a torcida do Vasco resolveu invadir a quadra. Como sabíamos que éramos poucos, o Ricardinho estava com dois, três morteiros na mão, guardados. Eu falei: “Ricardinho, mira o morteiro e joga no meio da quadra”. Dava tempo do time do Flamengo correr para dentro do vestiário, ali no [club] Tijuca. “Bom, bom, bom”. Eu me lembro do Roberto Rodrigues, que era da Rádio Globo, não é? Ele ficava transmitindo na beirada do campo, do outro lado, não é? As cadeirinhas de plástico, as mesas de plástico. Ele foi para debaixo da mesa. Eu só vi isso. Quando eu vi uns trezentos vieram para cima da gente! Aí eu falei: “Ricardinho, mira no meio”. “Mira no meio para dar tempo da gente correr para dentro do clube”, porque tem aquela porta de grade, “vamos pular para dentro do clube”. “E o teu carro?”. “Deixa lá, eu busco no dia seguinte.”. O carro estava na rua Desembargador Isidro, do outro lado. Eu pego no dia seguinte. Aí miraram no meio. Eu não mirei nela. Aí consegui. No dia seguinte, peguei meu carro. Aí teve um problema no [Sul]. Foi o primeiro SOS Sul, aí nós [pedimos] para ASTORJ fazer um posto de coleta, no portão 18. Foi quando chegou o Eli, o pessoal da Força JOVEM e ela. Quando ela me viu, ela falou: “Eli, aqui eu não fico com esse cara, porque ele vai me matar”. [Risos]. Eu falei: “Peraí, menina, calma aí”. Começamos a conversar, conversar e chegamos a namorar quase 3 anos. Daí você vê. E ela, olha, foi campeã. Ela começou a frequentar a torcida. Elas, às vezes, ia aos nossos jogos. Eu não ia lá ao deles, não é? Mas uma vez ela me pediu para ir ao São Januário ir ver um jogo do Vasco. Ela falou: “Po, vamos?”. Eu falei: “Vou, mas só se for na social”. Foi pior! [Risos]. Porque na social o pessoal te conhecia porque tinha o programa “conversas de arquibancada” na TV Bandeirante e eu frequentava muito o programa. Então, quer dizer, eu era a bola da vez de todo mundo. Daí os caras começaram a jogar tudo. Uma hora um subiu na cadeira e

falou: “Olha, se alguém jogar mais uma bolinha nele aqui, que está comigo, eu vou lá à torcida e trago todo mundo aqui pra invadir a social”. Não jogaram mais nada. [Risos]. Ela era mais bonita do que eu. Uma menina... Não tinha esse intercâmbio entre as torcidas, não tinha essa confusão que tem hoje.

B.H – Então, [além das tias], mas havia mulheres, garotas, meninas que frequentavam torcidas ou era hegemonicamente masculinas?

J.S – Não, tinha. E não era só no Flamengo, não. No Vasco você teve a [Dulce Rosalina]. No Fluminense, teve a Tia Helena.

B.H – Sim, mas eu falo de garotas, meninas que frequentavam...

J.S – Tinha. Muita, muita! Na JOVEM, não tinha tanta garota, não. Uma das rixas com a RAÇA é porque os caras da JOVEM namoravam todas as meninas da RAÇA e era problema. Muito problema. [Risos.] A gente namorava menina da Raça... Porque a FLAMOR foi acabando... Na JOVEM era mais a rapaziada. Tinham até garotas. Tinha. Eu namorei uma menina da JOVEM e tudo, mas as garotas frequentavam normal o estádio. Não tinha problema, não.

B.H – E várias classes sociais? De vários lugares?

J.S – [Muitas] que era da JOVEM na minha época, ainda está lá. Eu a vi outro dia. [Na Social] total.

B.H – Como era o perfil? Dá para definir um perfil, assim?

J.S – De classe social? De classe social, eu não sabia... Outro dia eu estava conversando com o Dr. [Mario], eu falei isso no início, aqui. O Dr. [Mario] é um juiz, militar... Ele sentava ao meu lado, vendo o jogo. E estava sentado ao meu lado direito o [Sabá]. Eu sabia quem era o Sabá, não sabia quem era o cara.. Eu sabia que estava lá. Daqui a pouco, eu soube que ele era o traficante do morro aqui do Macaco. [Risos]. E os dois sentados, um em cada ponta! Está me entendendo? E você conversava normalmente com todos eles e não tinha nenhum problema. Todos os níveis sociais. Então, hoje, eu me sinto muito bem e flutuo por qualquer lugar. Talvez na classe lá de cima, eu me arranhe um pouco [risos]. Eu sou Flamengo, não é?

B.H – E o repertório de música? Como era naquela época?

J.S – Não tinha confusão de palavrão como tem agora, não. Não tinha essa... Muito pouco. Muito, muito, muito pouco. Entende? Eu me lembro de que o “Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe mengo, seremos campeões” venho lá do... Quando estávamos com a torcida do Penharol



lá em Montevideu, no Flamengo [Cabreloa]. Eles cantaram: “Dá-lhe Penharol, dá-lhe, dá-lhe Penharol, seremos campeões”. Aí a gente trouxe essa... No mais, eram esses tipos de músicas, não é? Hinos fantásticos, músicas fantásticas... Teve, eu acho que samba do Salgueiro, “[Flamengo, meus olhos estão brilhando], meu coração”, era [aquilo tudo] cantando isso. Para mim, essa é a música mais linda que tem. Então você pegava sambas e os transformava em músicas do Flamengo. Ou, eu não sei, porque a gente não escutava do outro lado, porque não dava para escutar. [Risos]. Mas transformava em músicas do seu clube, em fazer essa situação. Exemplo: Eu me lembro de que foi uma vez só. Eu fui na rabeira dos grandes, não é? Em um Festival de Música Popular Brasileira no Maracanãzinho. Acabou o jogo, o pessoal foi e aparece até, na televisão, a bandeira do Flamengo e o pessoal da Torcida lá. Mas aí eu fui, de criança, molequinho foi junto, acabei entrando lá. Mas, então, você fazia. Aí veio o [fio] maravilha... Então, você tinha músicas... Criava-se a música na arquibancada, para torcida. Não criava música para agredir.

R.T – Eram músicas de incentivo, não é?

J.S – Sim. De incentivo. Músicas de incentivo.

R.T – E havia grupos lá, responsáveis pela elaboração dessas músicas?

J.S – Saía. Saía

B.H – Tinha essa divisão? Bateria, a galera que era de bateria?

R.T – É.

B.H – O pessoal da JOVEM que era de bateria?

J.S – Não, porque a gente batia mal. [Riso]. A gente ia para lá e batia. Não tinha aquela bateria nota 10, não. [Risos];

B.H – Era um ruído, não é?

[Risos]

J.S – Era um ruído. “Olha, bate aí no surdão mesmo que está bom”. [Risos]. Então, quer dizer, você não criava muita essa situação de bater bem, não. Bateu o surdão bem, tocou bem e conseguiu tocar o hino e é fácil, “uma vez Flamengo”, tum, tum, tum, tum. [Risos]. E vai embora. Não tinha um fera. Não me lembro bem... Na FLAMANTE, o pessoal ainda batucava um pouquinho melhor, mas não tinha ninguém *fera* de batucar, não.

B.H – Ao contrário de hoje, que está sendo rateado o Maracanã. Naquele período tinha uma movimentação, você subia pelo anel superior, descia... Como era aquela circulação? A torcida já tinha aquele ponto atrás do gol?

J.S – Já tinha aquele ponto atrás do gol, basicamente perto de um bar em que o pessoal ficava e ao lado da sala que ficava a nossa. Então já tinha aquele ponto ali. Até, em termos de circulação, lá para cima, só tinha a FLABARRA, lá no meio de campo, lá em cima, depois de muito tempo, já na era Zico. Mais, não tinha não.

B.H – Ao mesmo tempo, essa circulação permitia também com que os rivais, os torcedores pudessem se encontrar.

J.S – Você entrava no Maracanã, todos pelo mesmo lugar.

B.H – Juntos.

J.S – Agora não. Uma turma par lá. Outra turma para cá;

B.H – Mas nesse período...

J.S – Entrava todo mundo junto. Lógico que entrava todo mundo junto, uma banda para um lado. Outra banda para outro lado. Passava do outro lado com a camisa do Fluminense, o máximo que rolava era “piranha”. Hoje, não, não é? Ou “bicha, viado”, que era o palavrão máximo que tinha naquela época, quando o cara passava embaixo. Aí, pegava-se o cara e [tirava], mas subia todo mundo junto e cada um ia para o seu lado. Dividia certinho ali na subida da rampa, não tinha essa confusão. Uma banda de um lado, outra banda do outro lado. Eu acho que deve ter vindo desde que houve a saída das salas. Fundamental.

B.H – E as suas lembranças de viagem? Você já falou dessa posição de responsabilidade.  
[Fim do 1º arquivo\_entrevista\_2052]

Título da pesquisa: Torcidas organizadas, criando fontes.

Data da entrevista: 13/12/2012

Nome do entrevistado: João Carlos Santos da Silva (J.S).

Nome dos entrevistadores: Bernardo Buarque de Holanda. (B.H) Rosana da Câmara Teixeira (R.T) e Jimmy Medeiros (J.M). Participação de Larissa [Bauer Vanculler]

Nome da transcritora: Juliana Paula Lima de Mattos.

## 2º Arquivo

B.H – Eu te perguntava sobre as suas lembranças das excursões, das viagens... Talvez fosse o momento em que a torcida ficasse ali mais tempo junta, virava, ali, uma família.

J.S – Nós temos... Vamos falar das lembranças, a minha primeira lembrança é de quando eu era garoto... Meu pai me deixava na [Severino] Corrêa, cheio de recomendações para pegar o ônibus com a Tia Helena. Por isso também que a Tia Helena conversava com o meu pai para eu poder ir. Isso aí já em 1969, que dizer, com 12 anos. Em 1970, com 13 anos. Depois, você tem as excursões que mais me marcaram, foi o Flamengo e Atlético Mineiro. Teve o Flamengo e Guarani, antes da decisão de 1980, em que uma emissora de rádio foi oferecer um ônibus de graça à torcida, mas tem que sair da emissora, ali na Praça Mauá. Aí eu falei: “Podemos fazer a nossa campanha?”. “Pode”. “Eu garanto ônibus de graça para a torcida”. Apareceram lá 5 mil pessoas! E eles só tinham 10 ônibus. Teve um pessoal marcando meia noite, teve ônibus saindo meio dia. Mas eles tiveram que se virar e botar todo mundo para fora, se não eles falaram: “A gente vai subir aí e vai quebrar isso aí”. [Riso]. E era rádio do governo.

J.M – [Riso].

B.H – Era o quê?

J.S – Era rádio do governo, porque era a Rádio Nacional! Eu falei: “Washington, você prometeu, agora tem que dar. Não tem essa, não.”. Mas foi uma confusão na praça!

Ali foram quase 300 ônibus, ali foram de todas as torcidas, praticamente. Porque fez uma excursão única para levar, que foi Flamengo e Guarani. Mas teve Flamengo e Atlético Mineiro, que foi uma excursão fantástica, que... Por isso é que eu falo: A única torcida que a gente não dá certo é o Atlético porque eles são violentos, tanto que, em 1980, eu estava dentro do ônibus, depois do jogo, Flamengo perdeu de 1 a 0. Aí quando eu olho pelo vidro, estava o pessoal todo envolta de um camburão, não é? - antigamente chama de camburão – e os caras querendo virar o camburão! Eu falei: “Po, perai”. Eu saí e fui... A revolta que estava, porque eles [fizeram] a gente sair por um lugar que passava por debaixo da torcida do Atlético e os caras jogando pedra! Aí eu saí do ônibus, fui lá e falei aos caras: “Vamos todo mundo para dentro do ônibus”. Aí foi quando os policiais conseguiram sair de dentro do camburão. “Ah, quem é você?” “Eu sou o diretor da torcida, eu vou tirar todo mundo daqui”. Ele falou: “Não, a gente vai sair daqui com você dentro”. Abriam a caçamba e me botaram dentro. E lá dentro, eles me botaram com marginal que já estava lá dentro.

J.M – Putz!

J.S – Só que na hora de fechar o negócio, veio uma pedra de longe e me acertou. Sangrou a minha cabeça. Aí quando chegou a delegacia, já estava o Michel Assef, outras pessoas, porque o pessoal, foi perguntar, não é? Aí o delegado perguntou: “Alguém te bateu aí?” A maior vontade de falar: “Foi o policial”. [Risos], mas não foi. Eu quero embora, não é? Então, houve essa confusão. Quando nós chegamos ao Rio, eu não sabia do problema e me procurou o Eli, da FORÇA JOVEM do Vasco: “Olha, José Carlos, a gente apanhou muito do Vasco”. Na semifinal, vou Vasco e Atlético. O primeiro jogo foi no Rio. O *segundo* foi em Minas. Ele falou: “Lá, eles bateram legal na gente. Vamos fazer o seguinte?”. Eu falei: “O quê?”. E a confusão que teve foi noticiada. Então nós guardamos todos os nossos fogos na sala da FORÇA JOVEM, do Vasco. Flamengo em uma decisão, eu acho melhor a gente guardar o nosso material todo na sala do Vasco, porque a polícia nunca vai pensar: “Vou procurar os fogos na torcida do Vasco?!” [Risos]. E a torcida do Vasco ficou... A torcida do Flamengo ficou *todo* o estádio, até a bandeirinha de [corda], do outro lado, já para o lado da torcida... Para dentro da coisa, não é? Aí o Eli botou na torcida do Vasco, o pessoal da FORÇA JOVEM, todos, na divisória entre a torcida do

Flamengo e a torcida do Atlético. E a gente combinou, não tem jeito... Aí nós subimos, descemos, [batemos], e quando eles correram para o outro lado, o pessoal do Vasco foi e colou [lá]. Foi a única confusão que eu me meti, pela *revolta* da *covardia* que o pessoal de Minas faz com as torcidas do Rio. Principalmente com as torcidas do... O Flamengo. Com as do Rio. Minas é com a do Botafogo, porque há um intercâmbio da torcida do Botafogo, dede a época do Tarzan com o pessoal da torcida... O Tarzan saiu, depois, da organizada e foi morar em Minas e foi para a torcida do Atlético etc. e tal. Então a confusão que teve foi essa. Depois tiveram várias... A primeira excursão para fora do Brasil foi nossa, quando o Flamengo foi para decisão, para a Libertadores, aí nós fomos para Assunção. Nós fomos a quatro ônibus. Eu não me lembro se foi terça e sexta, eu acho que foi terça e sexta. Foram dois dias na semana. E eu pensei: “Nós não vamos ficar em Assunção, porque se der confusão em Assunção, eu estou no país dos outros”. Então nós fomos e ficamos em um hotelzinho em Foz do Iguaçu, deixamos as nossas coisas e fomos para Assunção. Vimos o jogo e voltamos para Foz do Iguaçu e ficamos três dias ali. Eu falei: “É melhor ter confusão do lado do Brasil, a gente resolve, do que lá do outro lado”. Não é? Aí nós ficamos três dias aqui, fomos ver o jogo em Assunção e voltamos. Depois a gente foi com a [Charanga] e por aí foi, não é? Até que culminou de... Aí nós fizemos uma excursão de Flamengo e Cobreloa, que nós conseguimos 79 pessoas de avião. O cara falou: “Quanto é que você quer?”. Eu falei: “Bicho, eu quero passagem”. Aí ele me deu cinco pessoas para cada uma que eu levava. Aí que consegui quase 20 passagens. Quer dizer, 15... 16 passagens! Foi quando o seu Ernesto foi conosco... Aí nós ficamos no hotel Holiday Inn, maior mordomia. [Risos].

J.M – [Risos].

J.S - Mas, ao mesmo tempo, graças a deus, uma baita mordomia, estava aquela Clara Nunes, na época, fazendo show, mas era na época em que 22hs da noite lá era dia! E 22hs da noite, vocês não podem ir para rua, porque passavam aqueles tanques, na época da ditadura, que invadiu lá. Eu não me lembro, foi o Pinochet que entrou, não é? O máximo que eu fazia... Novo, não é? A gente chegava: “Cara, vai comer o quê?” Não precisava falar nada, Eu falei: “Olha...” Ao lado tinha um bar e tinha uns pastéis em que agente sabia que aquilo era empanado. No primeiro dia, a gente só comeu empanado! [Risos]. E

você ficava comendo e as pessoas falando baixinho no seu ouvido... “Cara, não escuta muito não, porque de repente, nego vai te enquadrar aqui”. Você tem que falar isso... Aí no segundo dia, a gente tentou sair um pouquinho mais da redondeza, aí a gente achou uma placa lá escrito: “Pelo com papa frita”. Eu falei para os caras: “Oh, papa frita deve ser batata. Pelo a gente vê depois”. [Risos]. “Pede”. Aí quando vimos que era frango e batata frita, aí só ficamos comendo frango com batata frita. [Risos]. Então tu tem essas histórias que... Aí o Flamengo perdeu o jogo. A gente pensava em levantar... Botaram a agente atrás do banco do Flamengo, não dava para ver nada! E quando você levantava para cantar hino, nego te cutucava para tu sentar. Po, repressão muito grande. Mas muito, muito grande mesmo. E, no dia seguinte, aquela revolta, porque os caras com a cara toda sangrando, jogador ensanguentado, porque os caras jogaram com pedra na mão. Aí, chegamos... Só que das pessoas que nós levamos, 70 e poucas pessoas no avião, eu acho que da torcida mesmo, que era do Flamengo acompanhando, devia ter uns 15. O resto é tudo... Porque ficou muito barato, poxa: “Vamos passear”. Eu, minha esposa... “Vamos passear no Chile”. É de graça! Por esse preço? A gente queria mais barato possível, para levar mais gente, aí quando a gente chega ao hotel, está o pessoal no piano bar dançando e tudo! Aí a gente: “Ah!”. Chamamos o cara da agência e falamos: “Olha, a gente quer ir para o Uruguai.” Aí os caras: “Vão para o Uruguai”. “Estou aqui há quatro dias no Chile, se vira”. Aí cara... “Vamos quebrar o hotel. A gente quer ir para o Uruguai”. E olha: “Acabar com aquela festa no piano bar lá, não tem essa, não!”. Aí acabaram com a festa no piano bar e levaram a gente para o Uruguai. Aí no Uruguai foi uma festa. O pessoal do Penharol e por aí vai. Então, quer dizer, muita excursão legal. Tiveram muitas viagens boas e o pessoal respeitava. Então... Não tinha essa de “espera lá fora que a gente te pega na terceira curva da avenida [Dutra]”. Nunca teve isso, não. Quando o Flamengo jogava em São Paulo, a gente ia a sala da Gaviões da Fiel. Quando jogava no Palmeiras, a gente ia a sede. Porque lá, eles tinham mais essa organização, porque eles não tinham... Eles tinham o Morumbi. Pacaembu era o Pacaembu. É a mesma situação daqui, agora. Porque a violência lá sempre foi maior do que a daqui? Porque os pelotões deles tem mais tempo. A Gaviões da Fiel tinha a sede dela. A TUP tinha a sede dela, depois virou [Inferno Verde], não é? A organizada do São Paulo tinha a sede dela, do lado de fora. Foi o que aconteceu, depois, aqui também. Então a gente ia a sede deles e nunca teve problema não.

R.T – E os símbolos, nessa época? Quais eram os símbolos?

J.S – O tanque da Jovem foi eu que coloquei e não tem *nada, nada, nada* a ver com esse negócio de Liverpool, de exército Rubro Negro, que ganhou de 3 a 0.

R.T – Não?

J.S – Nada. Está aqui. Foi um plástico de 1970 que eu ganhei, porque meu pai comprou no jornaleiro, que era um tanque com o escudo do Flamengo. Então, como a gente sempre era à frente da torcida, eu pensei em botar aquele tanque, escrever Torcida Jovem e Exército Rubro Negro. E pronto. Nunca teve *nada* a ver com Liverpool. Esse tanque...

R.T – Então isso é de...? 1970?

J.S – Esse tanque é de 1970. Mengão 1970.

R.T – Nada a ver com militarismo também? [Riso]

J.S – Nada a ver! Aí eu não sei. Porque o meu pai comprou na banca de jornal e me deu.

B.H – Circulava em jornais, em revistas...

J.S – Circulava na banca de jornal, ficavam naquele monte de plástico.

B.H – Falava-se “Flamengo 70”. Não foi?

J.S – “Flamengo 70”, foi uma coisa dessas. Então não tem *nada, nada, nada* a ver. Então, eu achei legal porque como nós éramos à frente de tudo, eu coloquei exército Rubro Negro e Torcida JOVEM, mas, assim, não tem nada a ver com exército, nada a ver com militar, nada, nada disso! E é o que eles cantam, hoje, falando que é isso. Então não tem esse símbolo. Muito pelo contrário. O único simbolismo que teve, o maior, assim, em que eu fiquei meio assim meio na dúvida, foi quando a gente chamou de manequim, que ficou

conosco, um desses que eu pesquei lá embaixo, foi o Alexandre Frota, que eu pesquei lá embaixo e veio para a Torcida. Porque aí, eu não sei qual foi o jogo, ele me apareceu com uma... Porque, antigamente, a gente jogava taco, a gente jogava muito taco quando era novo, não é? E ele fez um taco vermelho e preto e levou ao Maracanã para mostrar o taco que ele tinha. E aquele taco virou taco para excursão também [risos]. Aí ele fez um [plástico] assim: “Porrada neles”, com o taco assim. Eu falei: “ôh”. [Risos] Aí não! Até guardei esse “porrada neles”, o taco dele, não é? Esse desenho [Risos], mas foi o máximo que aconteceu, naquela época. Não tinha nada, nada, assim, de confusão.

B.H – Mas essa imagem que existe, hoje, da torcida JOVEM, como uma torcida de briga já era conhecida, na época, como...?

J.S- Ela não era de briga. Ela era “não mexe com a gente”, entende? Mas não era de briga. Tanto que a gente tinha as amizades. Uma coisa que a gente tinha muito forte, era aquele programa que teve, o “Conversas de Arquibancada”, porque a gente se reunia, aqui em Botafogo, às 11 horas, Eu, Russão, Eli...

B.H – Seu Armando.

J.S - Seu Armando, Amorim do Bangu, batíamos papo no bar, íamos ao programa e depois do programa, cada um ia para o seu lado. Entende? Então, poxa, havia uma confraternização.

B.H – E nesse contexto que surge a ASTORJ?

J.S – Nesse contexto surge a ASTORJ, porque esse programa reunia o pessoal da Torcida do Flamengo. Porque a torcida do Flamengo era um problema. A gente tinha Torcida JOVEM, que era independente. Eu aprendi isso e a gente a fez ser independente. E algumas outras torcidas tinham uma ligação muito grande com o Márcio Braga, com o clube. E nós não concordávamos com isso. Tanto que no programa foi, uma vez, o Moser, o Figueiredo e ele foi entrevistar... Porque lá no programa – não sei se tem alguma história guardada desses programas...



B.H – Eu tentei acesso, mas era... Foi perdido.

J.S – Foi perdido?

B.H – Porque era um horário comercial, então não era a própria Bandeirantes que guardou aquilo e se deteriorou, era outra... Era [Betacam], outro suporte.

J.S – Porque era um programa à tarde. Porque quem ficava entrevistando, éramos nós. E o entrevistado era o jogador, por exemplo. Então o Moser foi uma vez no programa e ele chegou a dizer: “Vem cá, vocês nunca foram na Gávea bater um papo com a gente?”. Eu falei: “Não, por quê?”. Ele: “Cara, vocês... [...] tem a maior paixão por vocês!”. “Paixão, por quê?” Porque domingo eles estão concentrados. Meio dia, eles estavam vendo o nosso programa. Ele: “Cara, a gente nunca viu você na Gávea...”. Eu falei: “Oh, deixa eu te explicar um negócio: Na Gávea você vai ver a gente ou para comemorar um título ou para pegar vocês na esquina”. [Risos] “Papo de camisa, não vamos pedir nada!”, “A gente não quer nada, não”. A gente quer que você ganhe lá. Nós somos Flamengo. Não somos Moser... Todos vocês passam. Por isso que eu tenho um carinho muito grande pelo Zico, jogador. Arthur Antunes Coimbra, eu tenho todas as minhas ressalvas, como pessoa, não é? E o meu ídolo são vocês, jogadores. Mas não faz besteira, não. Mas sempre houve esse carinho muito grande e o programa foi fantástico. Então ele fez muito também, junto com tudo isso, nós ainda fizemos a ASTORJ. Porque nós não éramos teleguiados, aqui, pela... Na mesma época da ASTORJ, pouquinho antes, em paralelo ou um pouquinho depois, fizeram a Associação das Torcidas Organizadas do Flamengo para poder não deixar ir para ASTORJ. Só que, quando eu e Tia Helena, fizemos a ASTORJ, a gente deixou um buraco democrático na ata para poder entubar o pessoal que quisesse ir depois, para não ficar uma coisa que, de certa maneira, a gente ia saber o que era. Tanto que está lá a RAÇA, depois entrou a outra, mas no início, não. No início, só teve a torcida do Flamengo, desde o início da fundação.

B.H – Mas a ASTORJ, qual era o objetivo da associação?

J.S – Uma delas, a gente conseguiu até... Era sempre brigar pela torcida. Nós conseguimos o negócio do seguro, que, antigamente, não tinha o seguro torcedor. No caso de algum acidente, reclamar sobre ingressos, quando os ingressos estavam um absurdo. E a da tal possível violência, entendeu? Era uma confraternização que tinha. Então, essa era a meta da ASTORJ. Tanto que a data de fundação da ASTORJ é 16 de junho, não é? Não sei se você...

B.H – De 1981.

J.S – Dezesesseis de junho foi o meu aniversário, então é aquele negócio, a gente sabe ser líder [...] [Risos]. Mas vê lá na ata se você vê o meu nome? Não vai ver não. Entendeu? Porque você tem que saber mexer por trás e botar os nossos ficarem na frente um pouco mais.

B.H – [Riso]. Então, com o clube, com a direção, vocês não eram sócios, optavam por ficar de fora?

J.S – Aonde estiver Marcio Braga, eu vou estar do outro lado. Até hoje. Onde estiver Márcio Braga, vou estar do outro lado. Entende? E o Antônio Augusto, com grandes restrições, porque eu sou sócio! Mas teve uma reunião no Flamengo, em que o pessoal foi conversar com ele, porque ele sabia que estava fazendo [erro conosco]. [...]

B.H – Sim.

J.S – Aí foi o pessoal da torcida do Flamengo... Todos estavam lá. Na hora da reunião lá, o pessoal começou a reclamar, começou a reclamar, eu só da Torcida JOVEM, e o pessoal reclamando, na reunião, da ATORFLA. Aí ele chamou o Pinheiro, “Oh, Pinheiro? Vê quem é sócio.” Do pessoal da ATORFLA ninguém, só ficou eu. Ele falou: “Então bota todo mundo para fora”. Entendeu? E era aquele pessoal da ATORFLA, que ele... Está me entendendo? Mas como foi contra ele, ele mexe, inclusive, na época de venda do Zico. A gente foi pedir uma satisfação, porque eu, hoje, até falo: Fizeram um pouco de bandalheira com ele, que deixaram apagar as luzes, mas a câmera continuou acesa. Aí ele foi

brincando e falou: “Ele foi embora, mas quem queria embora era o Zico. O Zico pediu, pelo amor de Deus, eu quero ir embora”. Ele tem uma proposta e não fica. Entendeu? Mas o que passou para o povão, era o cara chorando. Ali ele não sabia que estava sendo filmado! Mas, espera aí, ele tinha que ter colocado isso na mesa, e não expulsar todo mundo. O Flamengo é um clube muito fechado. O Flamengo, dos clubes do Rio, [não o botafoguense], atualmente, eu acho que é o clube mais fechado que tem. Era um clube de povo, mas que tem uma mentalidade da sua diretoria, que é um clube da Lagoa Rodrigo de Freitas, como é o Caiçaras, como é o Piraquê e por aí vai. E é um clube difícil, porque é um clube com 12 ex-presidentes. E todos os 12 ex-presidentes vivos, cada um pensa que é dono de um pedacinho. É um problema muito sério.

B.H – Você se associou quando ao clube?

J.S – Em 1987. Foi quando, depois, a gente lançou o Betinho, para candidato à presidente do Flamengo. A gente falou: “Ah, vamos lançar o nosso candidato?” Aí os caras: “Está legal, quem?” Uma Bucha. Betinho! [Risos]. Aí botamos o Betinho de presidente. Foi um problema... [Riso]. Porque o Betinho: “Porra, cara, eu estou me dando bem”. Eu falei: “Por quê?” “Vou para casa com três maços de cigarro”. “Po, Betinho, nas faz isso”. Porque cada cara que dava o braço nele, ele: “Me dá um cigarro?”. [Risos]. “Betinho, não queima filme, tu é o nosso candidato! Pára com isso.” Mas o que acontece? A gente fez uma campanha legal, o Leo já estava começando na torcida, não é? Então o Leo era gordão, então a gente fez Papai Noel...

R.T – Você estava na torcida ainda?

J.S – Estava! Eu estava na torcida! Saía, voltava, saía, voltava, fui para rádio, mas voltamos. Nunca desgrudei da situação, não é? A gente fez Papai Noel com a chegada do Leo. [Risos]. No dia das crianças, antigamente tinham uns leitinhos de sabor morango, chocolate... Aí a gente conseguiu um cara da marca, umas quatro ou cinco geladeiras, distribuimos para todo mundo. Fomos fazer, faltando 15 dias, uma pesquisa, do IBOPE, no clube, para ver como estávamos, e estávamos em 1º lugar! Eu estava numa reunião, na casa de uma amiga e falei: “E agora?”. “O que a gente vai fazer, cara? Se a gente ganha

essa merda? O que a gente vai fazer com isso?” “Vamos largar?” ou “não vamos largar?”, “Vamos procurar o segundo lugar para poder fazer o conchavo”... “Não, vamos sumir do clube”. [Risos]. “Vamos sumir do clube”. Aí começou a ir menos gente ao jogo, para o clube. “Vai ganhar?” Não temos noção nenhuma dessa história! Mas aí nós ficamos em terceiro lugar. Em primeiro ficou o Marcio, o segundo o Julio Gomes. E se a gente tivesse ficado em segundo, a gente teria ganhado do Marcio fácil! É que a gente não quis juntar também com ninguém. Mas por que nós estávamos na frente? Porque nós fizemos uma campanha para o sócio, que vai... É a senhora que vai com o seu filho, mas o título é do seu marido. O seu marido não sabe nem quem nós somos. E o IBOPE fez errado. O IBOPE foi fazer com quem frequentava o clube, que era sócio, mas não votava. Quem votava era o marido! E a gente: “Po, graças a deus”. [Risos]. Então teve essa... E a Torcida JOVEM sempre foi polêmica nesses assuntos porque ela sempre foi independente. Ela que fez a primeira excursão de torcida fora, ela que fez o primeiro programa de rádio, ela que lançou o primeiro candidato em torno dessas histórias todas aí, então ela sempre foi pioneira nesse caso.

B.H – Mas aí, então, já é o momento em que a torcida decide, ao invés de ficar de fora, tenta entrar no clube através de uma candidatura própria?

J.S – É. Para poder, foi quando nós começamos. Tanto que, até hoje, tem isso no clube, se você for ao conselho, a maioria do pessoal do conselho de torcida, você vai encontrar ali 20, 30, 40 caras que são da torcida JOVEM ou que já foram de torcida JOVEM. Para te falar a verdade, a torcida Jovem é. Outro dia, no conselho fiscal quando eu era o presidente, tinha uma reunião no conselho fiscal que deviam ter 20 pessoas da Torcida Jovem! E da outra torcida tinha um ou dois, só. Então a gente criou isso, achávamos que você ser independente e querer fazer alguma coisa, mediante tudo o que estava errado, você tinha que se associar e ir para dentro do clube. Mas ir para dentro do clube e participar. Não o que estão fazendo agora. O que estão fazendo agora, é um tal de sócio Off-Rio em que o cara está lá fora e só recebe informações e nem sabe o que está acontecendo, vem e vota nessas informações. Não! Você tem que participar do clube. Você tem que viver o dia-a-dia do clube. Entendeu? Foi o que aconteceu nessa eleição. Nessa eleição, deixaram uma brecha muito grande para [Off-Rio] e veio umas 700

pessoas de fora do Rio e votaram lá. Votaram e foram embora. Então, na verdade, ela ganharia a eleição. Entendeu? Porque ela dormiu no ponto e não viu, não sentiu isso. As 900 pessoas que votaram nela, são pessoas que votam e que frequentam o clube. E que sabem do que está acontecendo e até do que aconteceu de errado no futebol. E, do outro lado, os 1.400 que votaram nas pessoas, foram oito ex-presidentes que saíram do clube, que não aceitaram terem saído do Piraquê. Foram dois ou três ex-presidentes que estavam com ela e no dia de votar, votaram no outro. Você via, uma coisa absurda que aconteceu nessa última vez. Você via a assessora dela chorando muito, chorando muito... E o marido dela rindo, votando e abraçado com o cara que ganhou do outro, entendeu? Então ela teve a traição - a traição dentro de casa -, tiveram oito ex-presidentes contra, teve o Zico contra, teve tudo isso contra e perdeu por 500 votos. E 700 votos praticamente vindos de fora. Gente que não estava no dia-a-dia do clube. Então a nossa ideia era entrar no clube sim, mas participar dos problemas que aconteciam antes. De saber por que o Zico está apoiando o cara. As pessoas pensam que o Zico está apoiando o cara porque o futebol está errado. Não é por isso! Então essa falta de informação que tem, principalmente da imprensa, causa... É o que a gente não queria. Mas nós estamos envelhecendo. A gente envelheceu nessa renovação e houve esse buraco, dos que morreram... Houve o buraco das torcidas que viraram essa marginalidade que virou hoje, de aceitar ser financiada pelo clube, então enfraqueceu totalmente uma ideia que teve há um tempo, em que a gente até colocou, que era uma “nova ideia”, lema da nossa campanha na época.

B.H – Mas você chegou a ter algum cargo? Ou almejou...

J.S – Nunca aceitei. Nunca, nunca, nunca, nunca. Muito pelo contrário, a gente ajudou muito a Patrícia para ganhar a eleição, ela ganhou a eleição e no dia seguinte eu estava indo para os Estados Unidos e fiquei lá dois meses. Só fui encontra-la em 2011, em setembro de 2011, na inauguração de um museu de um conhecido nosso que fez um museu particular dele, não é?

B.H – O Guilherme.

J.S – É. Guilherme. Tudo meu eu dei para ele. Meu filho não gosta, mas tudo meu eu dei para ele. (Riso). Na inauguração, quando ela me encontrou, ela falou: “Só aqui para eu te ver. Depois de um ano e meio?!”. Aí eu falei com ela: “Por quê?”. Ela falou: “Estou precisando de você de volta”. Eu falei: “Óh, toca a sirene, que eu estou por perto”. Mas eu nunca quis nada, nada, nada em termos...

B.H – Mas essa aproximação com a Patrícia tem a ver com a relação com a torcida Jovem, que veio dos anos 1990... “Flamengo até debaixo d’água”...?

J.S – Não. A Patrícia porque a gente conhecia... A gente via. E outra coisa, na torcida Jovem, a gente via na natação. Nós ganhamos uma taça, uma vez, em um campeonato que teve de natação, do Flamengo. Na competição de remo pelo Flamengo... Outra coisa muito legal que tinha, até, outro dia, e falei com o [Bocagi], porque o [Bocagi] ia assumir [o jornal dos Esportes], mas não adiantou nada. Eu falei que, antigamente, o Jornal dos Esportes fazia promoções “Flamengo e Botafogo”, qual era a torcida que tinha mais bandeira? Qual era a bandeira mais bonita? Qual era a faixa mais legal? E era escolhida pela votação dentro da galera que estava assistindo os jogos, de várias outras emissoras... Qual a que tinha mais bandeiras? Qual a que tinha a maior bandeira? Qual a que cantava mais? E, no dia seguinte, tinha a entrega de uma taça... Quer dizer, havia aquela competição de fazer a festa. A imprensa também ajudava a fazer a festa. Hoje, não existe mais isso.

B.H – Até eles querem promover o espetáculo, mas com as torcidas... Longe, não é? Com as (torcidas) organizadas longe.

J.S – É que as pessoas acham que “coisa ruim” dá mais notícia do que “coisa boa”, não é? Então a notícia é você falar que teve pancada, que teve agressão, que teve isso... Eu não leio mais jornal. Raramente... Eu não vejo jornal, não vejo nada. Parece que nego só paga para falar, postar coisa ruim. Eu não estou... Eu não quero. [Eu corto isso da minha cabeça].

R.T – Em que momento você acha que esse cenário começa a mudar? Da relação das torcidas entre si?

J.S – Do Flamengo?

F.T – Do Flamengo. E com relação às outras torcidas do Rio de Janeiro.

J.S – Eu acho que foi com a saída das salas no Maracanã. A gente que conviveu com aquelas salas no maracanã, e que não arrombava a sala de ninguém. Se você não arrombava a sala de quem estava aqui ao lado, para quê você vai a outro bairro para arrombar a sala ou esperar ele na saída, se você o tinha ali ao lado? Você está me entendendo? O pessoal do Fluminense, a hora que eu quisesse, eu sabia que eles iam entrar ali para pegar... Eu falo ao lado, porque era a nossa sala, era a entrada para a rampa e era a sala da YOUNGFLU! Era da YOUNG e da FORÇA, junto. Então você sabe. Vai jogar o Fluminense? Você sabe a hora que os caras estarão ali. E não tinha isso! Hoje, não. Você procura e vê do outro lado. Ou, então, quando passa, você vai se organizar daqui para ir ao estádio... Quando você bota para sair 10, 20, 30... Eu tenho alguns vídeos, em que o pessoal me manda, de vim aquele *arrastão* da torcida JOVEM no meio da rua e com a polícia na frente. Então, quando você bota esse pessoal de fora para ir em *bando* para lá, quem você pisar na frente, você está chamando a violência. É um grupo. Você administrar um grupo de 400, 500... De 5 já é difícil!? Os pensamentos já são muito diferentes. Aí vêm uns 500, no meio de uma rua, com o objetivo, com uma camisa, e dependendo de quem está lá na frente puxando, quem passar na frente, vão passar por cima! Isso aí é mundial! Então eu acho que a saída da arquibancada, a saída do Maracanã, das torcidas organizadas, detonou totalmente o processo. Totalmente. Eu tinha o seu Armando ao meu lado a hora que eu quisesse. Ele me tinha na hora que ele quisesse. Para você vê, a do Botafogo e a do Vasco eram do outro lado. Se você me perguntar como era a sala do Vasco e a do Botafogo, eu só fui saber depois que eu botei a minha faixa. Lá, a gente tinha respeito. Aqui, a gente tinha respeito. A gente jogava bola lá do outro lado, mas eu nunca entrei na sala do Botafogo. Se eu entrei uma vez, se entrei uma vez, foi muito. Tinha respeito. Mas eu não tinha vontade de “vou lá quebrar”. Porque a minha também estava exposta. No dia que jogava Botafogo e Palmeiras, eu vou ficar lá tomando

conta da minha, contra 15 mil torcedores do Botafogo no estádio? Eu não vou! Então a melhor maneira que eu tenho de cuidar da minha? Não mexendo na tua. Hoje não existe mais isso. Tiraram de lá.

B.H – Você até comenta que...

J.S – [Foi até na época do Marcelo Alencar, eu acho].

B.H – 1994. Você até comentou que na sua época não havia mais de 1000 associados. Quer dizer, então é justamente, nesse momento, que sai, isso permite com que o número de associados...

J.S – Eu vou te falar hoje. Quando o cara falar para você que tem 5.000, 6.000, 4.000, 3.000,

B.H – Desconfia.

J.S – [Tem desde] o primeiro. [Riso]. Desde o primeiro. A não ser lá em São Paulo, porque aí você tem um bloco, você tem uma escola de samba. Eles tentaram fazer... Olha só. A RAÇA, A FLAMANTE e a FLAPONTE tentaram fazer uma Escola de Samba e não conseguiram. Além de tudo, não é a mesma organização, porque ali... Se alguém falar: “Eu tenho 5.000 componentes”. Por isso que aquela história vai [valer] no estádio; “Ah, porque você tem 5.000”. Porque ele tem que falar que tem 5.000 componentes, para ele conseguir 2.000, 3.000 ingressos para trazer e te vender e botar metade na mão do cambista, ou quem está, hoje, lá no comando. Está me entendendo? Porque na hora em que ele falar: “Você tem 5.000 componentes, você quer 5.000 ingressos?”, então você tem que ter 5.000 sócios dentro do clube. O teu componente vai pagar R\$50,00 lá para dentro do clube, para ser sócio, frequentar o clube e ganhar uma carteira que dará direito à ele de comprar ingresso a R\$20. Com 60% de desconto. Aí você vai ter a ficha do clube dos seus 5.000 componentes. Na hora em que o cara falar: “Po, o camarada gordinho, de óculos, pápápá..., fez isso”. A ficha dele está aqui: “Toma polícia, resolve o problema,



não precisa [arranjar problema] com a torcida toda”. Hoje não tem ficha. Entendeu? Aí você vai ver que as torcidas tem 500, 200 ingressos.

B.H – Existe uma super...estimação.

J.S – Por causa do ingresso. Tanto que você vê que nego, de vez em quando, acha na mão de cambista, ingresso de torcida JOVEM. Acharam outro dia um em nome do Fred, do Fluminense. Soube dessa?

J.M – Não. [Riso];

J.S – Deram ingressos em nome dos jogadores, os jogadores tem ingressos. E do Fluminense, estava na mão de cambista, em nome do Fred! Aí perguntaram e o Fred: “Não, porque eu dei para um parente lá uns 10 ingressos e ele [vendeu]”. Tinha acabado com essa situação também.

B.H - De dar ingresso? Concessão de ingressos...

J.S – [Quando não tínhamos ingresso e fazíamos mais festa]. Eu tenho no meu... Eu estava vendo isso antes de ontem. A tela minha é uma foto da torcida JOVEM há um tempo, com a RAÇA, tudo, com aquele monte de papel higiênico descendo [...] coisa bonita não. Amadoristicamente. Era a vaquinha que a gente fazia para comprar papel higiênico. Nosso dedinho que cortava papel picado para poder jogar para o alto. A torcida fazia uma festa *dela*. Hoje é uma festa patrocinada por um monte de gente em volta, até por membros do clube para poder ter apoio. Isso não rola. Entende? Então eu acho que é...

B.H – Então, o material da torcida era faixa, bandeira...

J.S – Bandeira, bateria, papel picado...

B.H – Bateria, papel picado...

J.S – Boné nem pensa, porque era muito caro.

B.H – Boné não...

J.S – Não tinha como pagar para poder fazer. Era camisa... O casaco, para você vê o nosso casaco, parecem três listras da Adidas, não é? A gente não tem dinheiro para comprar a Adidas! Então a gente mandava o cara fazer na...

J.M – [Riso]

J.S – Porque o Flamengo era Adidas. A gente não tinha dinheiro! A gente não vai pedir nada ao clube. Então a gente fez... A gente tinha um cara que fazia as camisas... Esse casaco, se tiveram uns cinco, foi muito. Para não falar que foram dois, teve mais um. Mais um seis. Eu, Banha e Ramon. Não sei se teve cinco. Está entendendo? Então não tinha nada patrocinado por ninguém. Principalmente a Torcida Jovem. Patrocinada por *ninguém*.

B.H – Você falou de alguns componentes... Quem você considera pessoas importantes da torcida? Você já enumerou algumas...

J.S – Se eu for botar em escala, para mim, primeiro, de todos, a Tia Helena. A Tia Helena passou muita coisa, muitos ensinamentos. Aí vem junto com a Tia, o Miltinho, que me trouxe, padrinho da minha primeira filha. Quando eu casei, e cheguei da igreja, ele já estava lá em casa. Quando eu voltei da lua de mel, ele já estava lá em casa [Riso]. Ele tinha a chave da minha casa. Eu tinha um imenso irmão, o Banha, nossa... O Banha foi um cara que me ajudou demais... Na época nossa. Ricardinho... Muita gente boa. Muita. Mas o Miltinho foi um dos cabeças nossos aí, da linha de frente. Primeira memória que eu tenho é o Miltinho. Esse daí quando faleceu, a minha mulher até falou para mim, – ele faleceu e uma semana depois, nasceu a minha filha –, eu chorando e a minha mulher falando: “Poxa, você está tão emocional”. Eu falei: “Eu ainda estou triste porque o meu amigo morreu”. Entendeu? Não é que eu não estava feliz por causa da minha filha... Para mim, o mundo acabou. O cara era parceirasso, o cara era irmão.

B.H – Esse período em que você esteve á frente, foi um período pré-GEPE. O GEPE foi criado – O Grupo Especial de Policiamento dos Estádios – em 1991. Como era essa relação com a polícia?

J.S – Na minha época, um pouco antes. O GEPE veio depois.

B.H – Então. Você é do período pré GEPE, vamos dizer assim.

J.S – Quando eu já estava um pouco afastado. O nosso contato com a polícia, eu acho que era... E acho que era [...] ou [sargento], era um relacionamento tranquilo, porque não tinha confusão. Eu me lembro da única vez, eu me lembro de que eu comecei a chorar pedindo desculpas, foi que estava tendo uma confusão do outro lado, aí eu fui para o outro lado... Aí um policial veio e me pegou. Eu tinha cabelo grande, ele me puxou pelo cabelo. Quando ele me puxou pelo cabelo, eu vi que ele estava ao lado da descida e eu só fiz assim nele. Aí ele *blobblo*... Saiu rolando... [Riso]. Fiquei: “Caraca...” Mas... Aí eu fui ao Comandante e falei: “Poxa”. Aí me falou... “Não, não! Deixa que eu vou lá e falo com o policial”. Porque nós estávamos indo do outro lado para separar a confusão. Quando a gente via a confusão do outro lado, a gente ia lá para separar, para segurar a onda. Principalmente contra o América. A torcida do América era folgadinha para caramba. [Riso]. [O Dario] [...] é irmão. Mas ele é meu irmão [pós]. Porque eu fui namorar uma menina, eu era sócio no América e estava proibido de entrar no América. E ele era muito ligado ao pessoal do Fluminense. Eu estava namorando uma menina que morava perto do América. Quando eu fui na casa da menina, quando ela abre a porta,- e ela sabia da minha história com o Dario -, eu entro, quem estava lá dentro sentado no sofá? O Dario. Eu falei: “[...]. Ela falou: “Não”. [Riso]. “Senta vocês dois aí”. Ela deu um esculacho tão grande em nós dois... Ficar brigando por causa de [homem]. [Risos]. Dali a gente foi trabalhar no Tijução juntos.

B.H – No quê?

J.S – Tijução era um jornal de bairro da Tijuca. Ele também trabalhava, [Dario] também mexia com a parte de jornalismo. E lá ficamos muito, muito, muito irmão. Então a turma do outro lado, da torcida do América, era tudo garotada que era juiz ali da Tijuca. Era Juiz, desembargador. Então eles eram folgados e sabiam que podiam fazer e... A própria polícia reclamava deles. Então, quando eu via a confusão, eu ia ao outro lado separar. Aí depois, o único clube que eu me ambientei, quando fui trabalhar foi no América, como repórter. Ganhei até medalha... Até o Walter Sales, da rádio Tupi, que é Americano doente, rasgou a carteirinha dele, quando eu ganhei a medalha do América, quando o América ganhou o campeão dos campeões, eu não me lembro, eu acho que foi em 1983. Eu ganhei a medalha do maior torcedor do América na imprensa esportiva. [Eu falei para os caras]. Na verdade, eu tenho a medalha desse campeonato até hoje. Porque eu abracei. Eu cheguei para os caras lá e falei: “Olha, vem cá, eu sei como é no Flamengo.” Eu chamei todo mundo da imprensa e falei com todos eles: “Olha, lá no Flamengo, nada vasa, porque todo mundo é parceiro, é da imprensa...” “Se você falar mal do América, você só vai ter uma linha. O América só tem duas. Se você falar mal, só vai ter uma. Vamos segurar a onda, vamos abafar os casos que tem aqui dentro.” Com isso, os jogadores, sentiram isso, a liderança que você começava a ter, vem da liderança da arquibancada também. Não vou falar mal. Se a gente já não tem espaço. Vou falar mal, nego vai cada vez [mais] diminuir nosso espaço. Aí o América foi embora. Campeão dos campeões. Aí você conseguia abrir a página, aí eu comecei a inventar coisas que eu sabia do Flamengo. Falei com o Leo Almada: “Leo Almada, pede para ir para poder ir a Libertadores?”. Foi o campeonato Brasileiro. Se o Flamengo for campeão da Libertadores, vai abrir uma vaga. Fala? Pede? Só em você pedir, você vai conseguir meia página no jornal, coisa que você não consegue nunca. Então, isso que a gente aprendeu, a gente deixou um pouco lá. Então a gente sempre teve amizade com esse pessoal.

B.H – Então, em que momento você decide passar o bastão. Ou seja, a liderança. Você falou que não era voto, não havia uma formalização. Em que momento você decide a continuar acompanhando a torcida, mas...

J.S – [...] minha. Quando eu comecei a trabalhar em rádio e o Miltoninho assumiu, mas ao mesmo tempo, ele frequentava mais a minha casa do que eu mesmo. Então, a gente se

afastou muito, não é? A gente trocava ideias... Às vezes, abafava algumas coisas... Eu acho que foi entre o Flamengo e Olaria, eu estava trabalhando no Caio Martins. O Flamengo precisava ganhar para ir a final e o Olaria meteu 2x0 logo no começo. Aí o Flamengo fez 2x1... No final, em 40min ainda estava 2x1. Miltinho já estava atrás do gol, o pessoal estava mundo pulando para ter confusão e eu, como repórter, fiquei só de olho. Como eu conheço o movimento de todos eles, eu falei: “Olha, se a coisa feder, eu já sei para onde eu vou me meter”. Mas aí o Flamengo fez 3x2 aos 47min, 48min do segundo tempo. Aí não teve confusão. Muito pelo contrário. Quase que eu fui despedido, porque eu já estava perto do banco, aí vieram os jogadores, todos, para cima de mim, para comemorar todos em cima do banco. Aí pularam todos em cima de mim e eu só consegui pegar e tirar o braço com o microfone. E o microfone tinha o nome da rádio. Rádio Capital. Aí eu sei o emblema, saímos no Jornal O Dia. [Riso], na primeira página. Quando eu cheguei na rádio, o meu diretor fala: “Carlos! Se comporta! Você não pode fazer isso.” [Riso]. Pelo menos eu consegui preservar e não quebrar, e ainda consegui uma propagando grátis. Mas aí o cara: “Po, você não tem jeito”. [Riso]. E aí eu cheguei para o cara e eu [quebrei] a filosofia do próprio rádio. Eu falei: “Vem cá, se vocês querem ser independentes na transmissão, vocês vão ser sempre [quarto, quinto lugar] Radicaliza em cima de um. Veste a camisa porque aí você consegue mais um pouco de voto. [Vai ser terceiro lugar]. E aí foi direto. Aí falaram: “Pode radicalizar”. Aí ferrou. A rádio só faltava pintar de vermelho e preto. [Riso].

B.H – Então por conta dessa, vamos dizer, demanda de trabalho, embora ainda dentro de campo... [Riso].

J.S – Você se virava. Teve um Flamengo e Vasco, em que o Adílio passou na mesma distância da minha para você, o Adílio passou, fingiu que ia jogar pelo meio, Mazaroppi foi para lá, ele meteu par o gol, e saiu correndo, dando tchau para a torcida. Eu estava atrás do gol, porque o cara chegava e falava: “Como foi o gol aí Chacal?”. O meu apelido lá era Chacal. “Como foi o gol aí, Chacal?” E você tinha que falar: “O gol foi assim, assado, assim, assado”. O que nego chama de ponta na rádio, não é? Aí o Adílio passou por mim, dando tchau para torcida, que fez o gol. Aí o cara: “Como foi o gol aí, Chacal?” Aí eu escutando, deixei o microfone lá, porque eu fui atrás do Adílio. [Risos]. Eu vou

abraçar o Adílio. [Risos]. Eu fui atrás do Adílio. Eu escutava e o microfone lá. Aí aparece o João Carlos na televisão na televisão, atrás do Adílio correndo. Lógico, corri muito, cheguei maluco ao outro lado lá. [Riso]. E teve um Flamengo e Cabofriense, em que o Renato caiu... Eu estava na lateral do campo, o Renato caiu na minha frente e o jogador do Cabofriense pisou no peito dele. Aí eu entrei com o microfone de lapela e falei para o juiz: “Você não o viu agredindo o cara? Você não viu o pisão?”. Aí o juiz: “pum”, puxou o cartão vermelho para o cara. Aí o cara veio para cima de mim, e eu: “puft”, pulei para dentro do vestiário. Eu falei: “O cara me expulsou [...] não foi ele. Então, tiveram essas passagens assim, não é? Mas... A gente continua acompanhando um pouco a torcida, mas quando houve essa separação e virou pelotão e tudo, aí eu realmente parei *de vez*. Não tinha mais o que falar, o que escutar, porque aí virou marginalidade mesmo. Infelizmente. Por isso que dali para trás, existem duas torcidas. Geral. Dali para frente e de lá para trás.

B.H – Mas alguns remanescentes daquela época ainda permaneceram? Ou...?

J.S – Muito esporadicamente. Hoje está todo mundo afastado.

B.H – O Germano, por exemplo, foi um desses...

J.S – Morreu há poucos dias. O Germano começou comigo. Isso que eu falei que ia aparecer na televisão, aparece o Germano em cima do caminhão, a primeira excursão do Germano foi aquela para Assunção. O Germano sempre foi meio maluco. Você não chegou a conhecer, não?

B.H – De vista, só.

J.S – Ele sempre foi assim, maluco... Mas era um garoto bom de você... Sempre me respeitou. Por exemplo, eu falei: “Germano, em Assunção, lá em [...] nego tem mania de... Maconha lá, nego oferece [pelos cantos] lá... Olha, vê lá!”. “Na Argentina, tem esse negócio de lança perfume, aquele vidrinho... Bicho, lá é normal”. “Vê lá”!” E, naquela época, [eu não lembro] era porto qualquer coisa... Era uma ruazinha só. Aí eu estou dentro da loja, assim, aí eu vejo o Germano correndo, no meio da rua. “Ahhh, estou rico, estou

rico!”. [ Riso]. Eu falei: “O que foi?” O Germano com um bolo de dinheiro. [Riso]. Porque tinha tão pouca gente, tão pouco movimento, que o cara estava dormindo com o caixa aberto. O Germano foi lá e pegou o dinheiro do caixa! [Riso], o dinheiro do caixa era tão pouquinho que não dava nem para tomar um cafezinho. [Riso] “Eu vou lá, dá no cara!”. Eu falei: “Calma, Germano. Vai lá e devolve o dinheiro ao cara”. Ele escutava, mas é meio... Não é? Mas ele, você tinha que guiar. Mas depois, não teve ninguém acima do Germano. Muito pelo contrário. Gente que incitava ele ir á frente, porque ele ia, e sabia como ele era, aí... Tanto que ele foi o último a morrer, ainda por cima. Morreu um monte de gente, ele ainda ficou.

B.H – [Dinho, Dicar], não é?

J.S – É. Entendeu? Esses que botavam ele de frente... O Dinho lutava boxe tailandês. O [Dicar] [...].

B.H – E teve esse momento em que entrou o negócio da artes marciais, não foi?

J.S – Tem um que eu fico na bronca, porque foi um *marginalzasso*. Um dos maiores marginais que teve na torcida JOVEM, pós torcida, ele ainda pegou um pedacinho do final meu, um dos maiores marginais que teve na torcida, de roubar toca fita, para comprar droga e tudo, hoje é jornalista e fala mal de torcida. Da ESPN... Entendeu? Fala mal direto. E ele foi um dos maiores bandidos que teve. Quando eu ouço o cara falando, dá vontade de ir até o cara e falar: “Cara, eu conheço a sua história.” [Risos]. Mas então, essa turma, Germano, Budi, Marcelinho, Dicar...

B.H – Snoop, não é?

J.S – Snoop... Todo mundo morreu. A foto que eu vi outro dia, ficou um mal e porcamente o Severo, o Magrinho, que eu cruzei outro dia com ele. Ficou muito pouca gente. Esse pós João. Para você ver, depois do pós João, ou pró quem entrou, pós João, pós Miltinho, principalmente pós Miltinho, porque o Miltinho era muito de paz. Então, quer dizer, quando houve esse pós Miltinho, a torcida toda começou a morrer. E os que não

morreram, aí houve um buraco, aí essa profissionalização que existe, hoje, da torcida organizada, que já não é mais a mesma coisa. Por isso que, quando a gente conversou, eu falei: “Faz até essa data. Da data para a frente, não é mais de torcida, não.”

B.H – Ao mesmo tempo, alguns dos símbolos, dos lemas, continuam: “Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo”, [“Tang”]... Ainda que com essa interpretação.

J.S – Para você ver, acabou a torcida Jovem. Acabou. Está proibida.

B.H – Foi banida...

J.S – Mas a faixa “Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo” eles botaram, para poder pegar nos ingressos. Entendeu? “Olha, eu estou vivo ainda. Preciso desses seus ingressos”. Entendeu? É aquilo que eu estou te falando, será que o pessoal da imprensa, - da imprensa não, desculpe - da polícia não sabe que “Nada do Flamengo, tudo pelo Flamengo” é a torcida JOVEM? Você só mudou de nome! Então, eles continuam. A galera do Palmeiras, mudou... “GAVIÕES DA FIEL”, vai virar “FALCÕES DA FIEL”, por exemplo. Espera aí! A polícia está jogando para arquibancada. Eu acho que um dos motivos que tem para resolver é essa situação, que eu não sei se vai vingar. Mas você fazer o cara virar sócio... O Felipe tem um belo trabalho sobre isso. O Felipe, da FLAMANGUAÇA. E que foi da JOVEM. Você fidelizar os torcedores das torcidas organizadas ao clube, e aí, sim, eles terem direito ao ingresso mais barato. É aquele negócio, você tem 500, e você sabe que 20 são marginais, hoje, você fica exposto se você entregar ele também, porque eles sabem por onde você anda e com quem você vai. Agora, quando você entrega essa responsabilidade para outra [banda]... Você tem 500 e *cadastra* esses 500, dentro do clube, como associados, para ter direito ao ingresso, a polícia vai ter acesso fácil, e você tira o receio que o cara tem de sair na rua tranquilamente por aí. Hoje, ele tem receio do próprio cara da torcida dele. Então, eu acho que essa é a banalização que houve.

B.H – Então esse período agora pós... Passado esse momento em que a torcida está banida, no futuro você vê alguma possibilidade de retomada desses lemas que você...



J.S – É muito difícil. Muito difícil. Porque você... Pode ser. Eu falo muito difícil, mas, hoje, eu vejo a turminha lá da FLAMANGUAÇA, eles são muito... Não vou falar amadores, eles são muita nossa época, eles são muito retrô. A turminha da FLAMANGUAÇA é muito retrô. Eu tenho um carinho muito grande por eles. Eu estava começando a me animar muito com o pessoal da URUBUZADA, mas aí depois começou a rolar grana, rolar situações, até que uma turminha boa deles saiu, foram *expulsas* até. E aí você começa a movimentar muito dinheiro. Você [parte] 500 ingressos por jogo, e você coloca na mão do cara, e o cara coloca 10 pratas? Dez, 15 mil Reais por jogo. Então começa... E olha a história dos caras? Da onde eles vem? Como o cara tem essa chance? E o errado é o clube que dá isso tudo para eles. Em compensação, você não vê mais ninguém reclamando do clube. Ou quando o ingresso é menor, como aconteceu agora, o Flamengo começou a dar menos para a URUBUZADA, a URUBUZADA apoiou a oposição não por idealismo.

B.H – Barganha.

J.S – Por barganha. Isso aí, em nossa época, não teve. Então, eu acho, talvez, isso difícil dessa maneira. Agora, se você fizer isso: O programa de fidelização, se o clube tiver o seu estádio, se ele tiver o seu programa de fidelização, você tira da responsabilidade dele de expulsar a senhora que fez a coisa errada. Eu não vou lhe expulsar, quem vai lhe expulsar é o sistema que você aceitou, de você ter feito a besteira e não ter direito ao ingresso. E o teu nome está lá na polícia. Aí você vai ter e vai ter que ter boa vontade dela. É fácil terminar, mas tem que ser dessa maneira. E com a ajuda do clube. Se não, não tem jeito não.

R.T – João, você falou, inclusive anteriormente, que, hoje, nas torcidas, então teríamos não torcedores. Quer dizer, pessoas que não tem realmente, na verdade, interesse ou ligação com o clube e com a própria torcida.

J.S – Não. Eles tem interesse, eles tem ligação com o clube. Mas, hoje, a ligação é muito profissional. Hoje o cara quer ter ingresso. E, às vezes, ele vai lá reclamar, como o Felipe

falou para mim uma vez que ele foi... “Carlos, eu fui lá no ninho do Urubu, [por ir]. Eu sabia que os caras estavam indo lá, porque já estava sendo armado... Foi armado dentro do clube, para poder criar um movimento de três, quatro, cinco ou seis torcedores de torcida organizada, para ir ao ninho do Urubu reclamar, já avisando que eles iam para lá, para a imprensa falar que a torcida está reclamando para imprensar o jogador, porque eles não tem peito também de imprensar o jogador. Você está me entendendo? E, ao mesmo tempo, a torcida está fazendo... Era uma satisfação que estava se dando de que a torcida não estava satisfeita. “Então está tudo legal?” E os 500 ingressos? E a bandeira grandona, bonita, imensa, com aquele patrocínio imenso que você bota lá? E aí? Está me entendendo? Então, quer dizer, hoje há um interesse financeiro muito grande em cima deles que os faz totalmente não independentes. Eles são extremamente dependentes. Quando a Patrícia perdeu, agora, a eleição, você via as pessoas assim: “E agora? O que eu vou fazer? O que vai ser de mim?”. Vai continuar. Porque quem está ali vai seguir, vai negociar, vai cobrar o silêncio. Acontece que, pelo menos, na Torcida Jovem, nós não tínhamos. Não tinha que cobrar silêncio. A nossa, não tínhamos que cobrar [nem de graça].

B.H – João, você trouxe, estou vendo aqui um material que você guardou... Você doou parte para o...

J.S – Guilherme.

B.H - Para o Guilherme, que tem um museu do Flamengo.

J.S – Isso aqui [jornal] é de 1979. Isso aqui é para você ver como eram as torcidas. “Essa é a torcida mais fanática do mundo”. Aí estou eu aqui. Está todo mundo que recebeu [a camisa]: Eli, Tia Helena, Russão. Então você vê...

R.T. A Tia Helena se afasta com quantos anos, João?

J.S – Tia Helena, do Fluminense.

B.H – É. São duas tias Helenas.

R.T – No caso, a da Torcida Jovem.

J.S – Da Tia Helena... Eu tenho uma foto da Tia Helena aqui, quando o Flamengo foi... [Olha quem tirou.] Foi da Torcida JOVEM, O Flamengo foi campeão do mundo, aí nós tiramos uma festa nossa e a gente conseguiu levar a Tia Helena. Isso em 1981. A Tia Helena já estava velhinha mesmo. Essa aqui no Japão... Essa foi a festa. Aí está aqui o [Rui Porto], não é? Essa é uma festa da JOVEM. Adílio, aqui está a Mônica, que até hoje frequenta lá. Vamos ver aqui...

B.H – “Festa da Torcida JOVEM”, não é?

J.S – Festa da torcida Jovem, ainda era aniversário da torcida Jovem e a gente comemorou o título do mundial. Foi a primeira vez que fizeram esse tipo de festa, não é? Então aqui tem... Quando eu falei para vocês... Essa era a nossa maior bandeira que tínhamos. Então a gente tem essa bandeira por nossa Senhora. Hoje, você tem aqui a festa, a Mônica, Nunes...

B.H – Conheci a Mônica.

J.S – Conheceu ela?

B.H – Conheci.

J.S – [Tem um tempo que eu não a vejo]e vou falar: “Mônica? Você já foi magra, hein?” [Risos]. Ela vai falar o mesmo para mim, aí não vai valer não. [Riso]. Aí não rola. [Riso]. Aqui o Banha, Miltinho, [Odílio] que morreu há pouco. [Meu amigo, na festa], não é?

B.H – O Banha, hoje era professor de História, não é?

J.S – Aqui, olha? Aqui está a Tia Helena. Do finalzinho dela na Torcida.

R.T – Ah gente... Uma senhorinha, não é? [Riso]. Incrível.

J.S – Ela já estava... Foi quando a gente pegou ela lá em casa. E tem, talvez... Eu acho... Eu acho não. Tem a foto dela de quando eu era moleque, eu lá da arquibancada, olhando eles lá em cima de uma maneira mais “Caraca, eles são meus ídolos”. [Riso] Deixa eu ver se está aqui. Aqui é o [como eu te falei, dos plásticos], não é? Que você tinha da Torcida JOVEM, Força Independente, o Exército Rubro Negro. Essa aqui é uma camisa nossa, porque a camisa da Torcida Jovem não tinha o “CRF”. Era só torcida JOVEM, no início. Torcida JOVEM “Nada pelo Flamengo, Tudo pelo Flamengo”. Então não teve nada em termos de agressão, entendeu? Então tinha outro tipo de [plástico], em que a gente vivia da venda de [plástico]. Só que era um plástico diferente do outro, não é? Aí você pega aqui, foi [arrepicante]...

B.H – [...]

J.S – Não. [...] foi patrocinada por uma loja de Karatê! [Risos]. Aí são eles, não é? A agressividade fica por conta dos presidentes, não é? [Risos] Eles se juntaram para ser presidente do clube e devem tirar os caras daqui no pau, não é? [Risos]. A FLAMANTE, FLATAGUASES, FLAMÍLHA, não é? Da Ilha. Aí veio FLAGERAL.

B.H – [FLACAÉ].

J.S – [FLACAÉ]. É. FLABALÃO, porque foi do menino que foi da turma do Balão, que fez um plástico copiado da nossa, ele ficava sentado perto da gente. A FLACHOPP, FLATUANTE [...] na época da [...]. Esses são plásticos que você compra em banca de jornal. Urubu, isso aqui foi na década de 1970. FLAMANTE... Essa é prima da RAÇA, da FLA12.

R.T – FLAMOURA é outra, não é?

J.S – FLAMOURA é outra pessoa. É.

R.T – Da Verinha, não é isso?

J.S – Isso. Da Verinha. Tanto que aqui você tem a FLAMAR, você tem para quase todas as torcidas daquela época.

R.T – Muito bom, não é?

J.S – Você tem FLATAXI, FLAPONTE, FLADEL, FLACHOPP, FLACAÉ. [Risos]. Tudo tem um motivo. FLATAXI deve ser o pessoal do taxi. FLAPONTE, o pessoal da ponte. FLACHOPP, [FLADOROTHY], Padre Miguel. FLACAÉ, FLARAFLAFLÁ, aquela música.

R.T - Deve ser por causa da música, Flarafafa. Deve ser... Pegaram

J.S – FLASUZI, porque era o menino da Suzy. E [FLAMÁSIA].

B.H – O que é Suzy?

J.S – Susy é uma faculdade. [Isso era da nossa idade]

B.H – Ah, está bem.

J.S – FLA12. FLARAÓ. [Risos], aí o cara estava querendo aparecer. FLAMANTE, FLARAMOS, de Ramos. CHARANGA. FLASAÚDE, porque era um menino do bairro da Saúde. FLATUANTE. FLAMIRIM, eu não me lembro, deve ser um grupo da gurizada. FLATÂMICO, que é também uma brincadeira. MENGOMANIA, eu não conhecia, FLAQUI, que é de Mesquita. FORÇARUBRO, RAÇA RUBRO NEGRA. E o FLANETO, porque era de Coelho Neto. FLANÁTICA, FLATAGUAÍ, FLAMÔ. Está aqui.

B.H – FLAXIENSE.

J.S - FLAXIENSE, porque era de Caxias. FLABARRA, ficava lá em cima. FLAPOVO. FLATIJUCA. BEIJAFLÁ. FLACOHABI, porque era da turma da Cohabi. FLAILHA. FLABICÃO, porque era da do Bicão. Torcida Jovem de Belford Roxo, BENFLAROXO.

R.T – Muito legal. [Riso]

B.H – Flamengo é 1970, não é?

J.S – Aqui! Entendeu? Então essa história de agressividade, até para o pessoal da Torcida JOVEM, a rapaziada não sabe da história... Porque não tem nada a ver com essa história de 3 gols no Liperpool.

B.H – [Risos];

J.S – E que o Liverpool, o Exército Vermelho... Não rola.

B.H – [Risos].

J.S – Eu não entro no site da Torcida JOVEM, porque quando eu entrei e comecei a ler a história, “Cara, tanta mentira!”, que eu comecei a “eu não vou botar no Facebook, Orkut, não”, porque eu não aguento ver aquilo ali! Os caras são totalmente desinformados, mas deixa para lá. [Risos]. Aí tem a FLAPONTE. É isso que eu falo, tem a Retrô e a atual. Essa, talvez, seja a outra. Isso é aquele plástico de banca, não é?

R.T – Tem aquele lá...

J.S – Aqui! É dele! É dele! É porrada neles! Torcida Jovem [...]. Eu era até manequim. Tanto que está até aqui atrás. Eu falei: “Po, pera aí?” [Risos].

J.M – Esconde isso. [Riso]

J.S – A única, se você for ver de agressividade, de violência, daquela época... A FLACHOPP, FLAGENHOCA, isso aqui [...] [FLATUTINO], FLANISTIA, FLANORTE, que era do Estrela do Norte, lá em São Gonçalo. FLAPONTE, CHARANGA, FLASUZY [que era baixo aqui] por causa da faculdade. [Risos]. O primeiro plástico da FLAMANTE foi esse aqui. Tuninho, o [...] falaram: “Po, você tem e eu não tenho”. Eu falei: “É”. Da RAÇA. DRAGÕES RUBRO NEGRO, porque foi o pessoal que saiu da Charanga, não é? Seu Ernesto, [Vas.]. FLAQUI [Risos].

R.T – [FLAQUI!] [Não conheço esse... Tão diferente! FLAQUI!] [risos]

J.S – FLAPIXABA, que deveria ser o pessoal...

B.H – Capixaba.

R.T – Do espírito Santo. É.

J.S – RAÇA RUBRO NEGRA. Esse foi o primeiro plástico da RAÇA nosso. Flamengo [...]; Galera Rubro Negra [não sabe o que é isso]. Gaviões Rubro Negro. GARRAFLA “Acima de tudo Rubro Negro”. FLATUANTES. Aqui você tem GARRAFLA, [...], FALANGE, FLAANGRA. Aqui, a gente fazia para a Torcida JOVEM. Esse daqui é da Torcida Jovem. A gente sempre tinha que fazer. Eu acho que era isso que fazia ter um dinheirinho lá. Aí veio o pessoal de fora. São Paulo, Volta Redonda. Você vê que tem mais de São Paulo. É uma Torcida independente, não é? A Ponte Preta. Palmeiras. De todos os torcedores, tinha essa relação. Do Atlético de banca de jornal, então [...]. O Santos virou primeira Torcida JOVEM depois da nossa. A primeira Torcida JOVEM foi a do Flamengo. E, logo depois, pouquinho depois, fizeram a Torcida Jovem do pessoal que esteve aqui, que foi para lá, de São Paulo. Esqueci o nome do menino agora, do Internacional.

B.H – Que foi inspirado na Torcida JOVEM, do Flamengo.

J.F – Do Flamengo. A do Atlético, do Paraná, não é? Você vê que os plásticos de São Paulo eles já tem mais o sentido da agressividade, esqueleto... Porque eles já eram

pelotões, indiretamente, não é? Palmeiras, Corinthians... Palmeiras começou em Ribeirão Preto, quando o Flamengo jogou lá.

B.H – Conhecida também como a Torcida [...] América complicada.

J.S – Complicada. É! A Torcida do São Paulo mais complicada era a deles. Folgados. Mas é bando, não é?! Eles andavam [juntos], não é? [Risos]. Eles são complicados. Na época, não sei se agora são. PONTERROR. Era da Ponte, Curitiba. [...] Curitiba também. Hoje, eu tenho um sobrinho , que eu tenho um carinho... [Interrupção].

[Fim do 2º arquivo \_entrevista\_2052]



Título da pesquisa: Torcidas organizadas, criando fontes.

Data da entrevista: 13/12/2012

Nome do entrevistado: João Carlos Santos da Silva (J.S).

Nome dos entrevistadores: Bernardo Buarque de Holanda. (B.H) Rosana da Câmara Teixeira (R.T) e Jimmy Medeiros (J.M). Participação de Larissa [Bauer Vanculler]

Nome da transcritora: Juliana Paula Lima de Mattos.

### 3º Arquivo

[Risos]

J.S – Palmeiras, do Grêmio. América Mineiro, do Corinthians. E a Torcida JOVEM, do Esporte. [...]; E aqui, rapidinho, as taças que a gente tinha das torcidas, não é? Com Betinho.. Isso aqui foi quando nós lançamos o Betinho para Presidente do Clube, com a presidência lá do clube, com o Ademar, todo mundo. O Miltinho e as taças. Aqui você tem o Júlio. O Julio, hoje, é vice-presidente do conselho fiscal. O Eugênio foi expulso, não é? [Falso] o Onça. O falso Onça. O Miltinho e o Betinho. Dona Teresa que é presidente da Boca Maldita. É a dona Teresa. Aqui, lá em casa, quando a gente pegou as taças e levamos para lá. Miltinho e Betinho. Isso aqui é de uma festa. Isso aqui sou eu voltando de um jogo do Flamengo, fora. Miltinho, isso aqui é a gente lá no Sul, em que o Flamengo empatou com o Grêmio e depois teve o segundo gol e acabamos ficando lá. Esse aqui sou eu, Miltinho, o meu sobrinho e a filhinha dele. Esse aqui é vendendo [plástico]. Está vendo? A gente vivia disso. Vai juntando, contando [contando quanto tem] de plástico, dando para o pessoal e bota para vender. Isso era a nossa bandeira. Isso aqui... Todos aqui foram viajar conosco para o Paraguai, porque a passagem era muito barata. Está me entendendo? Não era porque era de torcida. Eles compraram a camisa da torcida, [depois] lá. Isso aqui é de Foz de Iguaçu. Aí você perguntou: “Quem é que frequentava o hotel?”. Eu falei: “Olha só, essa aqui estava grávida. Tem uma aqui que estava grávida. Essa daqui. Essa daqui estava grávida, aí ela ficou com vontade de comer pé de moleque... O Germano foi lá e roubou lá no estacionamento, na saída, uma caixa de pé de moleque para dar à mulher. [Risos]. Ela foi até a outra parada comendo pé de

moleque, que eu acho que ela nunca mais vai querer comer pé de moleque na vida dela. [Risos]. Mas você vê que... Olha só... Então a frequência lá do pessoal... Isso aqui é a gente no Sul. E o Maracanã, não tem mais isso. Toda torcida do Flamengo, no Maracanã, era a Geral. O Flamengo ganhou do Grêmio, aí a gente apostou com o cara do Grêmio, quando foi 0 x 0, que quem ganhasse, pagaria o almoço. Ele topou. Só que quando eu apostei com ele, eu falei: “Olha, eu...”. [...] [“Vai fazer uns 3 x 3”]. No 0x0 ele pensou que fosse ficar no Grêmio. Ele teve que pagar para todo mundo, na churrascaria do Grêmio. [Riso]. A gente passava... Olha o Pedro Paulo aqui. Eu e Pedro Paulo. Pedro Paulo Bebbiano. Eu, meu pai e a menina [...] da Força Jovem do Vasco, numa festa da Torcida. Isso aqui, nós estávamos no Chile. No primeiro dia no Chile, nós fomos tomar café da manhã... Fantástico o lugar! Aí botamos queijo e bábábá... E, na hora, o cara veio com uma notinha, aí eu falei: “Peraí, o café não está na estadia?”. “O que é Continental?” “Ah, é só café, leite e pãozinho.”. A gente não sabia! A gente arrasou. “Vai ter que pagar?”. “Vai”. “Até que horas fica o café?”. “Até às 11hs”. “Então vamos ficar parados, comendo aqui, porque a gente não vai almoçar”. [Risos]. A gente tinha que viajar. Isso aqui é a gente esperando acabar a dança, depois que o Flamengo perdeu, lá no Piano Bar. Eu, não. Eu estava, aqui, a cúpula, eu, Cunha... “Vamos resolver isso aqui”. Seu Ernesto conosco. Seu Ernesto ficou de graça... No pacote, a gente levou todo mundo... Ele só ficava na frente do hotel, não saía muito em volta não, porque ele tinha até receio. No Paraguai, no Chile... Isso aqui é uma menina da RAÇA. Como eu te falei, não é? [Aí mandou para a gente]; Era isso, não é? A gente pegava o pessoal. Pegamos o “Nariz” e o botamos na torcida... Aqui é o pessoal do Corinthians com o pessoal do Palmeiras, na frente da GAVIÕES DA FIEL.

B.H – Flávio [Lacerda], você conheceu?

J.S – Quem?

B.H – Flávio [Lacerda], da Gaviões.

J.S – Não. Não. Conheci, na época, era o Dentinho... O Cássio [Spray]

B.H – Dentinho...

J.S – Isso aqui foi em uma festa de lançamento do Betinho [nossa], não é? Ali no La Mamma. [Batucana], ao lado da minha casa. “Eu não tenho cara de batucar nada”. [Risos]. Bater [...] e vai embora. Aqui está o Guilherme, o Reco, o Júlio, o Henrique... Esse aqui morreu. Guilherme [...], não é? Voltando do Sul, [eu estava voltando com ele]. Isso aqui é a gente em Gramado e aí vai. Eu trabalhando já. Isso aqui no Japão. Aqui é o Flamengo e Cobreloa, já em Montevidéu. Tuninho distribuindo bolinha de gude para a gente tacar no time de Cobreloa, porque o pessoal do Penharol estava conosco e nos arrumaram uma atiradeiras. E nós ficamos embaixo, em cima da onde iria sair o time do Cobreloa. Isso aí foi tudo esquematizado no hotel, para ficar ali, para quando os caras entrarem... Não jogaram pedra lá? “Vai levar bolinha de gude aqui!”. O Tuninho descobriu umas bolinhas de gude. [Risos] A gente em Montevidéu. O Seu Ernesto também lá em... Isso aqui na viagem... Isso aqui no Papai Noel. Esse foi um dos momentos tristes da minha vida. Foi quando eu estava com a camisa da RAÇA. [Risos]. Foi uma recaída que eu tive, em um torneio de pelada que teve na Gávea. A gente na JOVEM. Eu, meu primo, a turma toda nossa. O cebolinha... Hoje ele é professor de natação do Flamengo. Então esse era o nível do pessoal de torcida. Não é? O pessoal da GAVIÕES. Da FLAFIEL, que, depois, o pau cantou, que eu te falei, não é? [Risos]. A Carta da torcida do Palmeiras para a gente, que não tinha essa confusão. A minha primeira carteirinha da JOVEM. Fui o sócio número 1.356. Então está aqui, com o negócio da Tia Helena, porque ela cobrava aquela michariazinha dela lá.

B.H – Dois cruzeiros. Número 1.356.

J.S – FLAPONTE... E aí tem as... Isso aqui é do pessoal do Cortinthians. Isso aqui da nossa excursão. Então a gente fazia isso, a nossa excursão em ônibus. O nosso primeiro papel timbrado da torcida, na época da Tia Helena. O endereço dela. Isso aqui foi quando eu fui em 1969. Eu te falei... [Fio], Rogério e Ulbirajara. Quando a gente foi ao São Paulo, aí eu peguei. Depois, foi outra carteirinha nossa. [Quando foi outra coisa]. E aí já foi mais para cá, não é?

B.H – Continua 354, o número da...

J.S – Isso aqui é para desmentir muita coisa, que o pessoal fala que a primeira torcida gay foi a FLAGAY, não é isso? [Risos]. Eu falei isso antes de ontem com um cara do Vasco. “Isso é mentira”. FLAGAY não era torcida gay. Eu não tenho nada contra isso. Mas o Clovis Bornay botou FLAGAY “G-U-E-I”. É “Fla fla fla flaguei, fui a torcida do Flamengo torcer e quase apanhei”. Não é que ela era Gay! É outra coisa. Tanto é que é FLAGUEI, marcha. E ele chegou para mim e falou: “Eu vou fazer isso...” Porque tinha concurso de marchinha, eu acho que voltou, agora, a ter. Ele falou: “Se eu falar mal de vocês, e der uma dupla interpretação, a raiva que eu vou ter, eu [não] vou ganhar um voto”. Entendeu? Então ele botou aqui: “À Clovis Bornay, ao grande torcedor Bábábá”. Querendo dizer: “Não tem nada a ver com isso”. Então os caras falam: “[po, o Flamengo está gay]”. Não é problema de [ser]. As desinformações que existem. [Risos]. Isso aqui é a gente em um hotel, lá no Chile. No Uruguai, quando foi campeão. Aqui, nós estávamos no bar. Luiz, que, agora é coisa, não é? No bar, lá da torcida. Isso aqui... “galera do Flamengo quer uma vitória.” É quando nós fomos, no Jornal dos Esportes, entrevistávamos o pessoal do Flamengo. “Flamengo e Botafogo”. Aí no jogo seguinte, só o pessoal do Botafogo. Para aquela festa do final do... Então eles movimentavam uma torcida para fazer a festa... Havia uma colaboração da imprensa com a festa.

B.H – Com a festa.

J.S – O que, hoje, já não existe. Isso é um jornal que a Torcida JOVEM teve. Como os 15 anos dela. Foi a primeira... Eu não sei se foi a única ou se já teve depois, mas a primeira torcida a ter o seu jornalzinho, entendeu? Então a gente tinha o nosso Jornal da torcida. Ramón. Aqui o Ramón. [Eu cruzei com o Germano na eleição]. Aqui foi quando nós fomos receber o Dario, que veio para o Flamengo em 1973. Está aqui o Haroldo, Tia Helena... Ricardo [...] está por aqui... O Jaime! Isso aqui a gente... Aqui Flamengo e Botafogo. Isso aqui... Um problema, [conversa de arquibancada, não é?] Aí sou eu, Miltinho e um menino que eu não conhecia. Ninguém aguenta esse [Ducha]. Eu te falei da história do Ducha, não é? Aí os caras colocam aqui... “Nanana, estudante de

comunicação... Figura popular do programa, o polêmico torcedor João Carlos, bababa...”.  
E eu falava! Eu aprontava muito! O programa era muito bom! [Risos]

B.H – [É uma pena...]

J.S – Aqui sou eu novo, na torcida. Aí você vê aqui a Tia Helena. Foi como eu te falei, no início da torcida, a camisa do Flamengo, não tinha a JOVEM, entendeu? Mas aqui você vê o Onça, o verdadeiro Onça. A Tia Helena está aqui. Tia Helena aqui! Então a torcida, se eu falasse: “Quem é a torcida JOVEM?”. Era essa! Era isso. Daqui para trás, quem ficava era a Torcida JOVEM. Daqui para frente, não ficava a torcida JOVEM. O que foi feito à RAÇA? A RAÇA, o que acontece? No dia da inauguração da RAÇA, fundaram a FLA12 também. Aí me aparece o Vitório, que é o dono do Hawai Sport, e que era do dono da FLA12. Aparece-me com um monte de gente, com a bandeira, camisa, lá no meio de campo. Aí a gente falou: “Vamos embora fazer o seguinte?” “A gente não vai poder ficar por baixo. Vamos ficar em pé lá na frente”. Então, a gente ficou em pé lá na frente! Porque quando você fica em pé lá na frente, todo mundo atrás ficará em pé e nego vai pensar que você é tão grande quanto eles. [Risos]. Tanto que essa história da torcida que fica em pé era para poder você criar volume, para poder não puxar a nossa e nego não ir para FLA12. A torcida que fica em pé, desse tamanho todo? Não. Se você foi ali para trás, a maioria também não é da Torcida. Até depois que aconteceu essa *palhaçada* de você ter que ficar em pé [Risos]. É uma coisa que dava enquanto tu era novo! [Risos]. Hoje, eu não consigo ficar em pé!

B.H – E, além disso, o que você tinha foi doado? Isso aqui você ficou?

J.S – Doei tudo. Tudo! É. Isso aqui, aquele caminho, não é? [Foi para o santo]. Aí é... Tudo, tudo! Desde 1970 para cá, eu guardando jornal, principalmente quando o Flamengo foi campeão, eu fiquei tão doente, que quando o Guilherme pegou e jogou fora o jornal todo e só ficou com a página do Flamengo e com a notícia. Ali você tinha matérias extremamente importantes até em termos de mundo. Época de guerra, de problema da violência que houve... Então todos os jornais, naquela data, eu guardava eles sem tirar uma folha. Até o encarte que tinha, eu guardava. Eu guardei. Aí eu dei para ele, ele jogou

fora tudo e só encadernou o que, basicamente, falava do Flamengo. Isso eu trouxe para... Às vezes, o que a gente conta, mas... [Risos]. Como eu falei, a gente frequentava, como muitos frequentam, mas você vai ver quantos tem aqui com a camisa da Torcida JOVEM? Muito pouco. Você está entendendo? Então...

B.H – Isso aqui é o quê?

J.S – Isso aqui é um exemplo de independência nossa, não é? Isso aqui foi quando...

R.T – [...]. Torcida JOVEM.

J.S – Mas essa foi a banda boa. A banda boa que falo é o seguinte: Não é que a outra banda seja ruim. A Tia Helena queria esse pessoal. E o outro foi para FLAMANTE. Entendeu? A Torcida JOVEM, de hoje, foi para FLAMANTE. [Risos]. [...] O [Reco] mesmo fala isso, não é? O [Reco], outro dia, eu estava com ele no Maracanã, ele chegou e falou: “a nossa banda atual foi para lá, agora a gente voltou, todos, para cá.”. Então essa era a frequência que eu comecei, em termos de torcida. Então, você pode tranquilamente viajar numa excursão, porque era esse o pessoal que viajava também e você ia crescendo... E desse pessoal, você vendo também, nas fotos, as pessoas que frequentavam as torcidas, eram várias senhoras etc. Aí você parte daqui. Quem está aqui. Você está entendendo? Você vê que a situação não é a de hoje. É totalmente diferente. Você vai a uma festa, olha aqui, isso tudo não é o pessoal da Torcida JOVEM. Então... Aí você vai a outros estádios, Palmeiras e Corinthians, e não tinha isso. Você tinha essa confraternização. Na excursão, ia gente que nunca frequentava torcida e botaram a camisa da torcida... E olha a idade? [Risos]. Entendeu? E adoravam ficar lá com a gente! [Risos] Então é *bem, bem, bem* diferente de hoje, não é? Basicamente isso.

B.H – Está ótimo. João Carlos, em nome da Fundação Getulio Vargas e, nós, pesquisadores presentes nessa tarde, eu quero te agradecer imensamente.

J.S – O prazer foi meu.

B.H – Falou e provou! [Risos]. Trouxe... Falou e disse, literalmente. [Risos].

J.S – Porque a gente guarda, não é? Isso aí, para mim, é tudo! Isso aí...

B.H – Muito feliz com esse seu depoimento.

J.S – Tranquilo. Quando precisar, sempre que tiver junto... Quem a gente lembra muito, dessa época aí, é o [Sam], e o [Batacou]. [Voz embargada] Desculpem-me aí.

J.M; B.H; R.T – Não... Quê isso!

B.H – Muito obrigada.

[FIM DO DEPOIMENTO]